

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE JORNALISMO

**RICHARD EDUARDO MILITÃO DA SILVA ROCHA**

**JORNALISMO E A DEMISSÃO DE TREINADORES DO FUTEBOL  
BRASILEIRO: POR UMA ANÁLISE DISCURSIVA DA MÍDIA  
ESPORTIVA NO CONTEXTO DA SAÍDA DE DOMÈNEC TORRENT DO  
FLAMENGO**

UBERLÂNDIA, MG

2021

**RICHARD EDUARDO MILITÃO DA SILVA ROCHA**

**JORNALISMO E A DEMISSÃO DE TREINADORES DO FUTEBOL  
BRASILEIRO: POR UMA ANÁLISE DISCURSIVA DA MÍDIA  
ESPORTIVA NO CONTEXTO DA SAÍDA DE DOMÈNEC TORRENT DO  
FLAMENGO**

Monografia apresentada na disciplina de Pesquisa em Comunicação II do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientação: Prof. Dr. Vinícius Durval Dorne

UBERLÂNDIA, MG

2021

**JORNALISMO E A DEMISSÃO DE TREINADORES DO FUTEBOL  
BRASILEIRO: POR UMA ANÁLISE DISCURSIVA DA MÍDIA  
ESPORTIVA NO CONTEXTO DA SAÍDA DE DOMÈNEC TORRENT DO  
FLAMENGO**

Monografia apresentada na disciplina de Pesquisa em Comunicação II do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Uberlândia, 04 de novembro de 2021

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Vinícius Durval Dorne - (UFU)

Orientador

---

Prof. Dr. Marcelo Marques - (UFU)

Examinador

---

Prof. Dr. Israel de Sá - (UFU)

Examinador

## AGRADECIMENTOS

Parece um sonho. Algo muito além da minha realidade. Ter a oportunidade de concluir um curso de jornalismo em uma universidade federal é algo inimaginável. Em primeiro lugar, eu gostaria de agradecer ao meu grande companheiro Exú do Lodo. Sem ele ao meu lado durante esse processo eu jamais conseguiria ter calma, paciência e ter uma boa produtividade para escrever a monografia. Principalmente em tempos de pandemia do novo Corona vírus.

Os meus familiares também foram fundamentais neste trajeto. Agradeço imensamente à minha mãe, Carina, por entender como é difícil lidar com essa etapa, ao meu pai, Jucelei, por todo suporte e também ao meu irmão, João Antônio. Meus avós, João Militão e Maria Helena, também sempre estiveram ao meu lado com apoios, incentivos e com muito carinho para que eu pudesse terminar um dos maiores desafios de toda a minha vida.

A UFU sempre fará parte do meu processo como pessoa. Estar na universidade foi um grande divisor de águas na minha vida. Além do conhecimento intelectual, tive um crescimento como pessoa, conheci pessoas incríveis e fiz amizades que jamais esquecerei. Dezopa, João Pedro, Ruan, Bárbara, Juliano, Pedro Vítor, Ana Júlia, Isabela, Loise, Naiara, Mateus. Foram tantas pessoas que me ajudaram. Cada um do seu jeito. Mas todos de uma maneira especial.

Gostaria de agradecer também aos meus professores, em especial ao meu orientador Vinícius Dorne, que sempre me ajudou, corrigiu e incentivou desde o dia em que nos conhecemos na disciplina de Radiojornalismo I. A monografia não seria a mesma se eu não tivesse uma pessoa tão competente, qualificada e didática ao meu lado.

Depois do dia 4 de novembro, terei um novo ciclo e caminho pela frente. Mas espero levar o meu próximo desafio da mesma forma como levei a minha vida inteira: com muita dedicação, sabedoria e honestidade. O fato é que não podemos deixar de sonhar. Nunca!

"Jogar futebol é muito simples, mas jogar futebol simples é a coisa mais difícil que há"

Johan Cruyff

ROCHA, Richard Eduardo Militão da Silva. **Jornalismo na demissão de treinadores do futebol brasileiro**: por uma análise discursiva da mídia esportiva no contexto da saída de Domènec Torrent do Flamengo. 2021. 62.p Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Jornalismo) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021.

## RESUMO

Este trabalho apresenta uma análise sobre cinco regularidades discursivas no contexto da demissão do treinador de futebol Domènec Torrent do Clube de Regatas do Flamengo em novembro de 2020: a comparação em valor: técnicos em confrontos; o universo logicamente estabilizado: o futebol em números e dados; o “currículo” do técnico; a posição-sujeito jornalista: a autoridade do/no dizer; os apagamentos do/no dizer. Ao todo foram escolhidos quatro enunciados da mídia esportiva que fazem uma avaliação sobre o trabalho do técnico catalão na equipe carioca: “Não dá mais para procurar desculpas: o trabalho de Dome é (muito) ruim no Flamengo” - texto do jornalista Paulo Cobos (ESPN); “Trabalho de Domènec, com o Flamengo, o melhor elenco do Brasil, é pífio” - coluna do jornalista Renato Maurício Prado (UOL); “Flamengo deve demitir Domènec? Edmundo avalia time e Gabigol” - pauta do programa Giro Fox dos canais (Disney); “Rizek avalia trabalho de Domènec Torrent: 'Flamengo caiu de patamar’” - opinião do jornalista André Rizek replicada no jornal “Lance!”. Para fundamentação teórica da pesquisa foi escolhida a Análise do Discurso (AD) com ênfase nos Estudos Discursivos Foucaultianos com o objetivo de analisar como os discursos dos jornalistas esportivos são construídos e funcionam na sociedade e como esses enunciados buscam produzir verdades sobre e para os treinadores do futebol brasileiro. Ao longo da parte teórica, houve o debate sobre discurso e enunciado, poder e sujeito (s) no/do discurso e sobre o jornalismo esportivo e a sua prática.

**Palavras-chave:** Futebol; Flamengo; Treinadores; Domènec Torrent; Análise do Discurso; Foucault.

ROCHA, Richard Eduardo Militão da Silva. **Jornalismo na demissão de treinadores do futebol brasileiro**: por uma análise discursiva da mídia esportiva no contexto da saída de Domènec Torrent do Flamengo. 2021. 62.p Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Jornalismo) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021.

#### **ABSTRACT**

This research presents an analysis about five discursive regularities in the context of the dismissal of Clube de Regatas do Flamengo's coach Domènec Torrent, in November 2020: the comparison in value: technicians in confrontations; the logically stabilized universe: football in numbers and dice; the technician's "curriculum"; the subject-journalist position: the authority of / in the saying; the deletions of / in the saying. Altogether, four statements were chosen in media sports to make an evaluation about the work of the catalaunian coach: "We can no longer look for excuses: Dome's work is (very) bad at Flamengo" - in the words of journalist Paulo Cobos (ESPN); "Domènec's work with Flamengo, the best squad in Brazil, is pitiful" - column of journalist Renato Maurício Prado (UOL); "Should Flamengo fire Domènec? Edmundo evaluates the team and Gabigol" - agenda of Giro Fox program from Disney Channels; "Flamengo has dropped a level" - opinion of journalist André Rizek, replicated in the newspaper "Lance!". For the theoretical foundation of this research, Discourse Analysis was chosen, with emphasis on Foucault's Discursive Studies, in order to analyze how the discourses of sports journalists are constructed and work in society and how these statements seek to produce truths about and for coaches in Brazilian football. Throughout the theoretical part, there was a debate about discourse and utterance, power and subject(s) in/of discourse and about sports journalism and its practice.

**Keywords:** Football; Flamengo; Coachs; Domènec Torrent; Discourse Analysis; Foucault.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. DISCURSO E ENUNCIADO .....	14
3. PODER E SUJEITO (S) NO/DO DISCURSO .....	22
4. JORNALISMO ESPORTIVO E A SUA PRÁTICA .....	29
4.1 Clube de Regatas Flamengo .....	36
4.1.1 <i>Domènec Torrent</i> .....	37
5. PERCURSO METODOLÓGICO E ANÁLISE .....	39
5.1 A comparação como valor: técnicos em confronto .....	40
5.1.1 <i>O universo logicamente estabilizado: o futebol em números e dados.....</i>	43
5.1.2 <i>O “currículo” do técnico</i> .....	46
5.1.3 <i>A posição-sujeito jornalista: a autoridade do/no dizer.....</i>	49
5.1.4 <i>Os apagamentos do/no dizer.....</i>	52
6. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES .....	55
REFERÊNCIAS .....	58
ANEXOS .....	62

## 1. INTRODUÇÃO

O Brasil é um dos países que mais demite treinadores de futebol. De acordo com os dados do Centro de Estudo Internacional do Esportes - *CIES Football Observatory*, a segunda divisão do Campeonato Brasileiro, Série B, é a liga futebolística que mais troca de técnicos no mundo (POLI et al, 2020).

Segundo o levantamento, os profissionais que trabalham no futebol brasileiro têm em média 122 dias no comando técnico de um clube da Série B. O estudo analisou 1.600 times de 110 ligas e de 79 países diferentes. Para fazer um comparativo, os treinadores que trabalham na liga inglesa, a *Premier League*, possuem uma marca de 537 dias à frente de uma equipe (POLI et al, 2020).

Já a Série A do Campeonato Brasileiro é a 17ª liga entre todas as analisadas. Na elite do futebol nacional, um técnico é demitido a cada 168 dias (POLI et al, 2020). As demissões de treinadores no futebol brasileiro é um dos temas recorrentes nos debates esportivos. No dia 17 de agosto de 2020, a jornalista Renata Mendonça escreveu uma coluna na Folha de S. Paulo com o seguinte título: “*Nós, da imprensa esportiva, contribuimos para trituração de técnicos*” (MENDONÇA, 2020, s/p). O conteúdo em destaque levanta o questionamento sobre uma possível influência da imprensa esportiva nas demissões dos técnicos que trabalham no futebol brasileiro.

A jornalista nomeia a coluna como uma autocrítica. Mendonça (2020) reflete que a imprensa esportiva contribui no que a própria comentarista chama de “máquina trituradora de técnicos”. Além disso, a “não-notícia”, termo utilizado pela profissional na coluna, toma conta dos debates esportivos e das pautas dos programas que discutem sobre futebol. Neste caso, a “não-notícia” seria quando um determinado clube não tem a intenção de demitir o seu treinador por conta dos últimos resultados. Para a autora, entretanto, nas matérias, manchetes e debates futebolísticos o assunto sempre está em pauta.

Mendonça (2020) debate que nem sempre a imprensa discute a possível queda de um técnico. No entanto, é a partir dela que essa abordagem ganha um campo de visão. Em novembro de 2020, Domènec Torrent, ex-comandante do Flamengo, foi demitido do clube rubro-negro após uma curta sequência de resultados negativos. A equipe carioca ainda estava na disputa dos principais campeonatos, mas a diretoria decidiu encerrar o ciclo do técnico catalão antes do término do seu contrato.

A partir da coluna da jornalista Renata Mendonça, dos números envolvendo as trocas de comandantes do futebol brasileiro e da demissão polêmica de Domènec Torrent no Flamengo, surgiu o questionamento de como se constitui e funciona o discurso da imprensa esportiva ao tratar dos treinadores no Brasil, por meio da questão norteadora: “Como funciona o discurso jornalístico da/na mídia esportiva sobre o trabalho do então treinador do Flamengo, Domènec Torrent, até culminar na sua demissão?”.

A pesquisa tem a Análise de Discurso (AD) Francesa com ênfase nos Estudos Discursivos Foucaultianos como fundamentação teórico-metodológica para embasar o projeto, e é desenvolvida por natureza qualitativa, de forma aplicada, descritiva e documental. O projeto tem o intuito de analisar como os discursos dos jornalistas esportivos são construídos e funcionam na sociedade, como esses enunciados buscam produzir verdades sobre e para os treinadores do futebol brasileiro.

Frente a isso, levantou-se como objetivo geral: analisar as regularidades discursivas da mídia esportiva no contexto da demissão do técnico de futebol Domènec Torrent. E, como específicos: problematizar as relações de poder existentes nos discursos dos jornalistas esportivos; compreender como a imprensa esportiva analisa o trabalho de um treinador do futebol brasileiro; observar como se dá o funcionamento do discurso da mídia esportiva em relação ao trabalho de treinadores de futebol.

Para realizar a análise, o pesquisador coletou quatro objetos da mídia esportiva: Não dá mais para procurar desculpas: o trabalho de Dome é (muito) ruim no Flamengo”- texto do jornalista Paulo Cobos (ESPN); “Trabalho de Domènec, com o Flamengo, o melhor elenco do Brasil, é pífio” - coluna do jornalista Renato Maurício Prado (UOL); “Flamengo deve demitir Domènec? Edmundo avalia time e Gabigol” - pauta do programa Giro Fox dos canais (Disney); “Rizek avalia trabalho de Domènec Torrent: 'Flamengo caiu de patamar”- opinião do jornalista André Rizek replicada no jornal (“Lance!”).

Os esportes sempre fizeram parte da vida do pesquisador. Principalmente o futebol. Além disso, o fato de produzir muitos conteúdos esportivos diariamente fez com que a vontade de pesquisar algo sobre a modalidade fosse ainda maior.

Desde o princípio, a ideia era trabalhar com futebol. Entretanto, por ser um esporte globalizado e que está inserido em diversos contextos ao redor do mundo, seria necessário focar em algo mais específico. Nos últimos dois anos, um fenômeno que acontece no futebol brasileiro começou a despertar a atenção: a forte “cultura” das demissões de treinadores. Sendo assim, surgiu a inquietação de pesquisar e entender os mecanismos que nos levam às constantes trocas de técnicos no Brasil.

E após ter conhecimento sobre os dados do Centro de Estudo Internacional do Esportes - *CIES Football Observatory*, também mencionado acima, o interesse de realizar um projeto de pesquisa que envolvesse as trocas de treinadores no futebol brasileiro aumentou significativamente. Nesse processo, interessava compreender como os enunciados produzidos e colocados em circulação pela mídia esportiva desempenham um papel importante nessa “cultura” das demissões de técnicos no Brasil.

Helal (2003), citado por Braga da Silva et al (2014), expõe que o discurso e os debates envolvendo a idolatria ou contestação sobre os técnicos de futebol podem criar roteiros de heróis ou vilões, proporcionar críticas, elogios ou também situações inimagináveis. Portanto, decidiu-se por escolher um exemplo recente do futebol brasileiro, e que gerou muito debate, para analisar como funciona o discurso da imprensa esportiva na cobertura do trabalho de treinadores.

O caso específico é do ex-treinador do Flamengo, Domènec Torrent, demitido pela equipe rubro-negra em novembro de 2020, depois de uma pequena sequência de duas derrotas em três jogos. Antes disso, o clube carioca vinha de uma invencibilidade de 12 jogos sem perder – com nove vitórias e três empates (SOFASCORE, 2020). A pesquisa também possui uma grande relevância social. Afinal, o Brasil é considerado por muitos como o “país do futebol”. O esporte move milhões de pessoas, ou seja, estamos falando sobre algo que atinge uma grande parcela da sociedade.

Além disso, ao pesquisar sobre as monografias do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), observou-se que há vários conteúdos sobre esportes e, conseqüentemente, futebol. No entanto, não há nada similar com a abordagem sobre o funcionamento da mídia esportiva nas demissões dos treinadores do futebol brasileiro. Portanto, foi fundamental trazer essa temática para o campo de debate na própria universidade entre discentes e docentes que têm interesse na área da comunicação esportiva.

As análises de similares também auxiliaram na escolha do tema, pois existem alguns conteúdos que também trabalham neste sentido. Uma das mais recentes é a monografia do discente João Carlos Belo Mendes, da Universidade do Ceará (UFC), em 2018. O graduando do curso de Educação Física trabalhou com a seguinte questão: “Poder da mídia no cargo de treinador de futebol: análises das notícias do globoesporte.com sobre o Palmeiras no segundo turno do Campeonato Brasileiro – Série A 2017”. Sendo assim, trazer uma pesquisa mais atual se mostra importante para entender e complementar essa possível ligação entre mídia esportiva e treinadores de futebol, aumentando a discussão nos âmbitos da educação física, da comunicação e do jornalismo.

Na especificidade de sua realização, a presente monografia analisa quais são as regularidades discursivas presentes e constituintes do discurso da mídia esportiva no contexto da demissão do técnico de futebol Domènec Torrent, problematiza as relações de poder existentes nos discursos dos jornalistas esportivos, tenta compreender como a imprensa esportiva analisa o trabalho de um treinador no futebol brasileiro e observa como se dá o funcionamento do discurso da mídia esportiva sobre o trabalho de treinadores de futebol.

Para tanto, esta pesquisa se estrutura em cinco capítulos. No primeiro, intitulado “Discurso e Enunciado”, reflete-se sobre a teoria que serve como grande estrutura para a monografia. A Análise de Discurso (AD) Francesa foi discutida com ênfase nos Estudos Discursivos Foucaultianos. O tópico explicita, primeiramente, o conceito sobre discurso. O capítulo traz as explicações e discussões de Michel Foucault e de outros autores que trabalham com a temática, retratando os estudos iniciais sobre a AD e o seu desenvolvimento. Ainda no mesmo capítulo, há o debate sobre enunciado e sua relação com o discurso, citando alguns exemplos da mídia.

Na sequência, o capítulo denominado “Poder e Sujeito(s) no/do discurso” aborda mais um referencial teórico envolvendo a AD, tendo como base os estudos do filósofo francês Michel Foucault e de demais pesquisadores da área. O capítulo inicia com a explicação de como Foucault trabalha a ideia de poder e de como ele está associado com o campo discursivo. O debate sobre sujeito também está presente no excerto e discute a sua relação com os discursos e enunciados.

O terceiro capítulo apresenta a discussão sobre o jornalismo esportivo. Como a análise da monografia tem como base objetos de veículos esportivos, é interessante discorrer sobre a temática, abordando a sua história, o seu contexto no Brasil, a prática da própria profissão e um breve parecer sobre os dois personagens da pesquisa: o Clube de Regatas Flamengo e o técnico Domènec Torrent.

No último capítulo, “Processo metodológico e análise”, apresenta-se o percurso metodológico e é feita a análise dos enunciados selecionados. Para compreender o funcionamento do discurso jornalístico da mídia esportiva, o empreendimento analítico levantou cinco regularidades discursivas: a comparação como valor: técnicos em confronto; o universo logicamente estabilizado: o futebol em números e dados; o “currículo” do técnico; a posição- sujeito jornalista: a autoridade do/no dizer; os apagamentos do/no dizer.

Na sequência, finalizando a pesquisa, foram feitas algumas considerações. O capítulo faz uma retomada dos capítulos anteriores, com comentários gerais sobre a pesquisa e também debate sobre as contribuições do projeto no campo da comunicação e do jornalismo esportivo.

O projeto é fundamental por compreender como funciona o discurso da mídia esportiva nos contextos de demissões dos treinadores. Verificar as regularidades discursivas da imprensa nos dá a real dimensão de como esse processo é trabalhado no Brasil, um dos países que mais demite técnicos no mundo, como mencionado acima. O discurso da mídia esportiva pode silenciar, apagar, transformar e fazer com que o público (torcedores, dirigentes etc) se identifique com aquilo que foi dito e absorva como verdade absoluta.

## 2. DISCURSO E ENUNCIADO

Segundo Silva e Souza (2007), os estudos sobre a Análise do Discurso começaram na França em 1969, no ápice do estruturalismo, como uma forma renovadora que pudesse articular a relação existente entre língua/linguagem, sujeito e história.

Gregolin (2007) explica que a Análise do Discurso Francesa (AD) é um campo de pesquisa que tem o intuito de compreender a produção social dos sentidos, elaborada por sujeitos históricos, a partir da materialidade das linguagens. Dessa forma, segundo Foucault (2008, p.30):

O campo dos acontecimentos discursivos, em compensação, é o conjunto sempre finito e efetivamente limitado das únicas sequências linguísticas que tenham sido formuladas: elas bem podem ser inumeráveis e podem, por sua massa, ultrapassar toda capacidade de registro, de memória, ou de leitura: elas constituem, entretanto, um conjunto finito.

Foucault (2008) discorre que, no empreendimento analítico, não se busca desvendar a universalidade do sentido; a análise expõe à luz do dia o jogo da rarefação, com um poder imprescindível de consolidação.

Frente a isso, Foucault (2008, p.28) reflete que todo discurso se constituiu num jogo entre história e memória, de tal modo que:

Todo discurso manifesto repousaria secretamente sobre um já-dito e que este já-dito não seria simplesmente uma frase já pronunciada, um texto já escrito, mas um "jamais-dito", um discurso sem corpo uma voz tão silenciosa quanto um sopro, uma escrita que não é senão o vazio de seu próprio rastro.

Assim, todo discurso se constitui pela/na história, fruto de uma relação indissociável entre saber e poder.

Desta maneira, de acordo com Foucault (1970), há níveis distintos entre os discursos. Alguns são simplesmente ditos ao longo dos dias e das conversações, não têm um “peso” específico. Eles são fluidos e se dissolvem aos poucos. Entretanto, segundo o pensador, há discursos que estão inseridos na origem de certo número de atos novos de fala. Neste caso, são discursos que transformam e retomam. Eles vão além de uma simples troca de diálogo. São ditos, permanecem ditos e estão ainda por dizer.

Gregolin (1995) disserta que os discursos se constituem na trama histórica, que possibilita determinados dizeres e, conseqüentemente, silencia, impede, apaga e repele tantos outros. A autora explica que o discurso é encarregado pela efetivação, no que diz respeito a figuras e temas, das estruturas semio-narrativas. A pesquisadora entende que, por meio da

Análise do Discurso, nós conseguimos uma análise interna sobre “o que um texto diz?”, “como ele diz?”, além de uma análise externa “por que este texto diz o que ele diz?”.

Por isso, de acordo com Gregolin (1995, p.19), é imprescindível compreender os discursos em sua relação intrínseca com a história, observando quais as condições de possibilidade para seu aparecimento: “Analisar o discurso é, por isso, determinar as condições de produção do texto”.

Foucault (1970) reflete que nem todas as áreas do discurso são expostas e penetráveis. O pensador explica: “algumas são altamente proibidas (diferenciadas e diferenciantes), enquanto outras parecem quase abertas a todos os ventos e postas, sem restrição prévia, à disposição de cada sujeito que fala” (FOUCAULT, 1970, p.37).

Nesse esteio, Sargentini (2019) reflete que os discursos podem ser interditados pelo objeto ou também pelo próprio sujeito que está sendo o enunciador. Para a pesquisadora, não é qualquer discurso que pode ser colocado em pauta e que nem todos os sujeitos têm a “capacidade” e “liberdade” de enunciar. Ou seja, todo discurso atende a um dado ordenamento social e histórico, que autoriza e regula seu funcionamento. Conforme reflete Foucault:

[...]suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 1970, p.8).

Para Foucault (2008), os discursos se materializam em enunciados, tomado como uma função que entrecruza um referencial, uma posição-sujeito, uma materialidade e um campo associado. De acordo com o pensador:

Trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação excluem. Não se busca, sob o que está manifesto, a conversa semi-silenciosa de um outro discurso: deve-se mostrar por que não poderia ser outro, como exclui qualquer outro, como ocupa, no meio dos outros e relacionado a eles, um lugar que nenhum outro poderia ocupar (FOUCAULT, 2008, p.31).

Conforme Silva e Sousa (2007), todo enunciado é proveniente de diversas práticas discursivas inscritas em um determinado momento da história:

(...) os enunciados são utilizados para que se possa determinar de que modo os sujeitos são constituídos e como se constituíram os saberes para que eles se transformassem em pequenas esferas de micropoderes e de que forma estes

poderes se deslocam, instituindo novas formas de poder, novos enunciados e novas formas de resistência (SILVA e SOUSA, 2007, p.306).

Segundo Sousa (2015), os enunciados são característicos de um processo de inovação. Para a autora, esses processos de inovações são a coexistência de enunciados dispersos e também heterogêneos:

[...] enunciado é sempre um acontecimento, porque está ligado à articulação de uma palavra e, ao mesmo tempo, a uma existência remanescente no campo de uma memória, ou na materialidade de qualquer forma de registro. O enunciado é único como todo acontecimento, porém aberto à repetição, à transformação, à reativação, por estar ligado tanto às situações que o provocam, quanto a enunciados que o precedem e o seguem (SOUSA, 2015, p.168-169).

Desta forma, como reflete Gregolin (2004), o enunciado é a unidade principal do discurso; trata-se de um conjunto de signos em função enunciativa. Navarro e Voss (2011) explicitam que, pelo fato do enunciado ser um acontecimento discursivo que institui descontinuidade à história, as formações discursivas podem ser levadas a incisões profundas e permanentes em suas grades de relações.

Sobre as associações expressivas entre o enunciado e o que ele enuncia, Gregolin (2004) aborda que esse elo tem um impacto distinto em relação a outros pares, como, por exemplo, significante e significado; entre o nome e o que ele designa; entre a frase e seu sentido e entre a proposição e o seu referente. Para a pesquisadora, “entre o enunciado e o que ele enuncia não há apenas relação gramatical, lógica ou semântica; há uma relação que envolve os sujeitos, que passa pela história, que envolve a própria materialidade do enunciado” (GREGOLIN, 2004, p.26-27).

Em relação à definição de enunciado e as suas respectivas funções, Foucault (2008, p.97-98) explicita:

Em seu modo de ser singular (nem inteiramente linguístico, nem exclusivamente material) o enunciado é indispensável para que se possa dizer se há ou não frase, proposição, ato de linguagem; e para que se possa dizer se a frase está correta (ou aceitável ou interpretável), se a proposição é bem legítima e bem constituída, se o ato está de acordo com os requisitos e se foi inteiramente realizado. [...] ele não é, em si mesmo, uma unidade, mas sim uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço.

Frente a isso, Gregolin (2004) enfatiza que a explicação envolvendo enunciado vai muito além das diferenciações com os conceitos de frase, ato de linguagem e proposição. Para a pesquisadora, é importante correlacionar o conceito de enunciado com o de linguagem:

Quero mostrar que língua e enunciado não estão no mesmo nível de existência. Dou como exemplo dessa diferença as letras que estão numa máquina de escrever, que não constituem enunciados; no entanto, quando eu as disponho em uma página – seguindo regras que vêm do sistema da língua – tornam-se enunciado. A língua é um sistema para criação de enunciados possíveis (GREGOLIN, 2004, p.24-25).

Foucault (2008) expõe que uma sequência de elementos linguísticos só pode ser inserida em um campo enunciativo caso elas apareçam como um elemento singular: “Mas não basta tampouco qualquer realização material de elementos linguísticos, ou qualquer emergência de signos no tempo e no espaço, para que um enunciado apareça e passe a existir” (FOUCAULT, 2008, p.97).

Gregolin (2004) completa e explica que o que transforma uma frase, uma proposição, um ato de linguagem em um discurso é a própria função enunciativa. Na concepção da autora, o motivo de ele (enunciado) ser elaborado por um sujeito, em um âmbito institucional, estabelecido por determinações sócio-históricas que definem e possibilitam que ele seja enunciado.

Ainda abordando a questão da existência do enunciado, Gregolin (2004) explica que um enunciado também só pode ser criado caso ele tenha um “autor” ou uma instância produtora. Entretanto, a autora nos traz que esse determinado “autor” não precisa ser necessariamente idêntico ao sujeito do enunciado. Ele pode ter uma natureza, uma função, identidade ou até mesmo um status distinto. A autora reflete que o sujeito do enunciado não deve ser limitado/restrito somente aos elementos gramaticais, uma vez que podemos observar que em uma oração verbal, mesmo quando a primeira pessoa não está gramaticalmente inserida, o sujeito continua presente.

Esta definição da autora nos leva a discorrer sobre o conceito de posição-sujeito. Silveira (2014) expõe que as posições-sujeito estão ligadas à natureza do discurso. O autor entende que, para Foucault, um enunciado não tem o objetivo de analisar os vínculos entre o autor e o dito. Sendo assim, o intuito é estabelecer a posição que todo indivíduo pode e deve ocupar para ser sujeito do enunciado. “É por isso que podemos afirmar que o sujeito enquanto posição-sujeito encontra-se inserido em uma formação discursiva como paciente no discurso médico” (SILVEIRA, 2014, p.46).

Ao voltarmos sobre a temática do enunciado, Gregolin (2004) explica que o enunciado se determina em um campo enunciativo, onde tem lugar e status. Nessa perspectiva, o enunciado possui interações possíveis com o passado, com o que lhe é concomitante e provoca uma abertura para um futuro eventual.

De acordo com Gregolin (2004, p.30):

Imerso nessa rede verbal, ele só pode ser apanhado em uma trama complexa de produção de sentidos e, por isso, podemos concluir com uma característica geral e determinante sobre as relações entre o enunciado, o funcionamento enunciativo e a memória em uma sociedade.

Por esse motivo, Foucault (2008) relata que não existem enunciados que sejam livres, soltos e independentes. De acordo com o filósofo francês, todo enunciado tem de estar inserido em uma série ou em um conjunto, fazendo parte de outros enunciados, se apoiando e também se distinguindo.

Sendo assim, é importante debatermos o conceito de campo associado e materialidade. Fisher (2001) explicita que o campo associado é a coexistência de enunciados para com outros. Para a pesquisadora, eles não existem de forma isolada. Estão sempre em associação, correlação e com outros enunciados do mesmo discurso. Foucault (2008) também faz uma colocação sobre o campo associado. Para o pensador, “o campo associado que faz de uma frase ou de uma série de signos um enunciado e que lhes permite ter um contexto determinado, um conteúdo representativo específico, forma uma trama complexa” (FOUCAULT, 2008, p.111).

Quando Foucault (2008) reflete sobre materialidade, destaca que esta tem uma função fundamental no papel do enunciado:

[...] não é simplesmente princípio de variação, modificação dos critérios de reconhecimento, ou determinação de subconjuntos linguísticos. Ela é constitutiva do próprio enunciado: o enunciado precisa ter uma substância, um suporte, um lugar e uma data. Quando esses requisitos se modificam, ele próprio muda de identidade.

Neste sentido, Gregolin (2004, p.31) discute que “a identidade do enunciado está submetida, também, aos limites que lhe são impostos pelo lugar que ocupa entre outros enunciados. ‘A terra é redonda’ é um enunciado diferente antes e depois de Copérnico”. Nota-se que o sentido das palavras não foi alterado, entretanto, a relação da afirmação foi modificada por conta da descoberta e dos estudos do matemático e astrônomo polonês.

Sobre a ligação entre enunciado e enunciador, Gregolin (1995) apresenta um ponto fundamental: “na análise do discurso subjacente a um texto, podemos observar as projeções da enunciação no enunciado; os recursos de persuasão utilizados para criar a “verdade” do texto (relação enunciador/enunciatário) e os temas e figuras utilizados” (GREGOLIN, 1995, p.18).

Como a análise discursiva da pesquisa tem como foco a mídia esportiva, é importante refletirmos sobre a relação entre o enunciado e o campo da comunicação/mídia. Sobre tal vínculo, Navarro (2008, p.65-66) destaca:

O sujeito do enunciado ocupa um lugar legitimado pela instituição midiática para falar sobre o objeto e assume posições de sujeitos no interior das práticas discursivas. Na mídia ele pode ocupar/exercer a função/posição de sujeito-que-narra, sujeito-que-descreve, sujeito-que-interpreta, sujeito-que-agencia outros discursos, sujeito-que-retoma e/ou desloca enunciados pronunciados por outros sujeitos em outros lugares institucionais e em outras épocas.

Navarro (2008) cita uma pesquisa que realizou sobre a produção discursiva da mídia sobre os 500 anos do Brasil, celebrado em abril de 2000. Portanto, é fundamental fazer essa correlação entre “teoria” e prática. Nesta direção, segundo o pesquisador, os enunciados sistematizaram elementos discursivos diversos e múltiplos para a construção de identidade(s) dos brasileiros. O autor ainda faz mais uma importante observação:

Nessa produção foi possível verificar uma descontinuidade entre os enunciados e os aspectos que foram resgatados de nossa memória social, histórica e mítica. Esse processo descontínuo deixa entrever uma ruptura entre esses discursos e práticas discursivas que, em outras épocas, procuraram objetivar o brasileiro, por meio da retomada de repetição de determinados mitos fundadores. Elementos desse arquivo foram materializados nas séries enunciativas, evidenciando, com isso, o trabalho de memória e de sua discursivização nos discursos da mídia (NAVARRO, 2008, p.66-67).

Ainda no esteio da discussão sobre o papel da mídia nos 500 anos do Brasil, Navarro (2004) explica que naquela ocasião a escrita jornalística estabeleceu a ligação de uma prática discursiva ufanista para uma prática discursiva de negação e contestação desse ufanismo. O estudioso entende que a pauta abordou uma escrita de história restrita em torno de um centro, mas como espaço de afastamento e de descontinuidade.

Navarro (2004) menciona que “os enunciados efetivamente escritos em sua dispersão de acontecimentos e na instância de delimitação que lhes é própria – a mídia impressa – nomeiam, recortam, descrevem e articulam outros domínios” (NAVARRO, 2004, p.115). O autor exemplifica que, nesta direção, em todos os momentos em que o jornalismo impresso abordou os 500 anos, o mesmo viés não foi colocado em pauta, mas sim uma nova produção discursiva dele.

Gregolin (1995) também faz uma discussão sobre a mesma abordagem e menciona que é natural que o enunciativo construa com o seu discurso uma “imagem” que possa causar o efeito de objetividade. Na visão da autora, os profissionais da área mantêm a enunciação

afastada da fala para garantir a “imparcialidade”. A pesquisadora expõe que os processos aplicados por esses profissionais são o uso da terceira pessoa, no tempo do “então” e no espaço do “lá”, e a utilização do discurso direto para certificar a verdade:

[...] o enunciador quer fazer o enunciatário crer na verdade do discurso. Por isso, ele tem um fazer persuasivo e o enunciatário tem um fazer interpretativo. Há um contrato de veridicção entre enunciador e enunciatário. Por isso, o enunciador constrói no discurso todo um dispositivo veridictório, espalha marcas que devem ser encontradas e interpretadas pelo enunciatário. Nessas marcas estão embutidas as imagens de ambos (os seus sistemas de crenças, as imagens recíprocas etc). São estratégias discursivas, por exemplo, a implicação e/ou a explicitação de conteúdos, que constroem o texto por meio de pressupostos e de subentendidos (GREGOLIN, 1995, p.19-20).

Neste esteio, Navarro e Voss (2011) discutem que os discursos da mídia são impactados pela vontade de verdade. Para os autores, lidando ao redor de saberes, importa compreender e analisar objetos midiáticos associando-os à verdade(s) que os mantêm.

Os pesquisadores também explicam: “o poder da política e da mídia na manutenção dos ‘discursos verdadeiros’ que circulam pela nossa sociedade é tão grande a ponto de formar e transformar seus objetos, suas modalidades enunciativas, seus conceitos e suas estratégias” (NAVARRO; VOSS, 2011, p.74). De acordo com os estudiosos:

Dessa forma, ao lidarmos com os enunciados e as regras de formação que estão na base da derivação enunciativa, podemos pressupor que todas essas materialidades, aqui restringidas a campanhas publicitárias e propagandas governamentais (mas que também poderiam ser programas de auditório, panfletos religiosos, propagandas políticas, novelas televisionadas etc), funcionam a partir de uma vontade de verdade e, por isso, delineiam, formam e transformam os objetos do discurso (NAVARRO; VOSS, 2011, p.72).

Neste sentido, Navarro e Voss (2011) citam um exemplo da comunicação: a publicidade. Mesmo a monografia trabalhando com o campo jornalístico, também é importante citarmos um exemplo de outra área da comunicação para termos a noção de como os enunciados funcionam no campo midiático.

Os autores mencionam que com métodos de influência desta área, os caracteres que o objeto possui são delimitados, trabalham como uma urgência de delimitação e ainda aplicam certas grades de especificação.

Ao noticiar os resultados das ações sociais das empresas, as campanhas publicitárias oferecem credibilidade também aos produtos vendidos por elas. Trata-se de uma estratégia diferente, que permite compreender que o próprio lugar publicitário delimita e especifica o funcionamento do objeto do discurso no nível enunciativo (NAVARRO; VOSS, 2011, p.77).

Com esse debate envolvendo discurso e enunciado, buscando compreender seu funcionamento na mídia – foco principal da monografia –, também será necessário apresentar outros conceitos teóricos que servem de base para a pesquisa. Na sequência, será abordada outra temática que também está relacionada com a Análise do Discurso Francesa: Poder e Sujeito(s) no/do Discurso.

### 3. PODER E SUJEITO(S) NO/DO DISCURSO

Para fundamentar a presente pesquisa – Jornalismo e a demissão de treinadores do futebol brasileiro: por uma análise discursiva da mídia esportiva no contexto da demissão de Domènec Torrent do Flamengo –, nesta seção, buscamos refletir sobre os conceitos de poder e sujeito(s) no/do discurso com base nos estudos de Michel Foucault.

Machado (2005) explica que Foucault não propõe uma teoria geral sobre o poder. Para o pesquisador, as análises do filósofo francês demonstram que ele não considera o poder como uma realidade que possui natureza ou uma essência própria: “não existe algo unitário e global chamado poder, mas unicamente formas díspares, heterogêneas, em constante transformação. O poder não é um objeto natural, uma coisa; é uma prática social e, como tal, constituída historicamente”. (MACHADO, 2005, p.10)

Desta forma, Foucault (1979) pressupõe uma outra forma de operacionalizar o conceito de poder, não mais tomado como algo totalitário:

Ninguém se preocupava com a forma como ele se exercia concretamente e em detalhe, com sua especificidade, suas técnicas e suas táticas. Contentava-se em denunciá-lo no "outro", no adversário, de uma maneira ao mesmo tempo polêmica e global: o poder no socialismo soviético era chamado por seus adversários de totalitarismo; no capitalismo ocidental, era denunciado pelos marxistas como dominação de classe; mas a mecânica do poder nunca era analisada (FOUCAULT, 1979, p.9).

O filósofo francês debate que só foi possível fazer essa observação sobre o poder após 1968. Coincidentemente, este foi o momento em que as lutas cotidianas começaram a ser mais discutidas pelas sociedades. Na compreensão de Foucault (1979), o poder não está somente atrelado ao Estado, mas é como uma malha fina, espalhada por todo o tecido social.

Neste sentido, Machado (2005) complementa e nos traz que a análise do pensador francês é interessante justamente por mostrar que os poderes não estão inseridos em um único ponto específico da estrutura social. O autor entende que o poder trabalha como uma rede de dispositivos ou mecanismos em que todos estão inseridos – e que nada ou ninguém pode escapar –, além de não apresentar limites ou fronteiras.

Não existe de um lado os que têm o poder e de outro aqueles que se encontram dele alijados. Rigorosamente falando, o poder não existe; existem sim práticas ou relações de poder. O que significa dizer que o poder é algo que se exerce, que se efetua, que funciona. E que funciona como uma maquinaria, como uma máquina social que não está situada em um lugar privilegiado ou exclusivo, mas se dissemina por toda a estrutura social. Não é um objeto, uma coisa, mas uma relação (MACHADO, 2005, p.14).

Foucault (2009) explica que para entendermos como funcionam as relações de poder, é necessário analisar as formas de resistência e as tentativas de dissociar estas relações. Para o pensador, não existem relações de poder sem resistência, escapatória ou fuga. Segundo o filósofo francês: “toda relação de poder implica, então, pelo menos de modo virtual, uma estratégia de luta, sem que para tanto venham a se superpor, a perder sua especificidade e finalmente a se confundir” (FOUCAULT, 2009, p.18).

Neste sentido, Foucault (2009) faz uma análise de oposições que estiveram/estão “instaladas” nas sociedades nos últimos anos como, por exemplo, a oposição do poder dos homens sobre as mulheres, dos pais sobre os filhos, da psiquiatria sobre o doente mental, da medicina sobre a população e também da administração sobre o modo de vida das pessoas. O estudioso expõe que o intuito dessas lutas/oposições é: “atacar, não tanto ‘tal ou tal’ instituição de poder ou grupo ou elite ou classe, mas, antes, uma técnica, uma forma de poder” (FOUCAULT, 2009, p.6). O filósofo francês aponta que esta forma de poder está aplicada à vida cotidiana, categorizando o indivíduo: “marca-o com sua própria individualidade, liga-o à sua própria identidade, impõe-lhe uma lei de verdade, que devemos reconhecer e que os outros têm que reconhecer nele. É uma forma de poder que faz dos indivíduos sujeitos” (FOUCAULT, 2009, p.6).

Foucault (2009) também esclarece que o poder analisado por ele é aquele que coloca em pauta as relações entre sujeitos ou entre grupos. Para o pesquisador, quando discutimos o poder das leis, das instituições ou das ideologias, nós estamos nos referindo a estruturas ou mecanismos de poder. Essa colocação faz com que a análise em si seja sobre como alguns indivíduos ou “organizações” desempenham um poder sobre os demais. Para o autor: “o termo ‘poder’ designa relações entre ‘parceiros’ (entendendo-se por isto não um sistema de jogo, mas apenas – e permanecendo, por enquanto, na maior generalidade – um conjunto de ações que se induzem e se respondem umas às outras)” (FOUCAULT, 2009, p.11).

Navarro (2008) também deixa claro que o filósofo francês não analisa a ideia de poder por meio da teoria marxista de ideologia, como fazem, por exemplo, pesquisadores da Análise de Discurso centrada em Michel Pêcheux. Navarro (2008) menciona que na abordagem de Pêcheux e de seus adeptos o poder pode ser encontrado em determinados “aparelhos ideológicos”.

Foucault (1979) explica os motivos de desconsiderar a ideologia e também a repressão – conceitos que fazem parte da fenomenologia marxista. Segundo o filósofo francês:

A primeira é que, queira-se ou não, ela está sempre em oposição virtual a alguma coisa que seria a verdade. Ora, creio que o problema não é de se fazer a partilha entre o que num discurso releva da cientificidade e da verdade e o que relevaria de outra coisa; mas de ver historicamente como se produzem efeitos de verdade no interior de discursos que não são em si nem verdadeiros nem falsos (FOUCAULT, 1979, p.11).

Para Foucault (1979), a segunda razão se refere a algo que esteja relacionado ao sujeito. Já na terceira, o pesquisador debate que o conceito de ideologia está em uma colocação subsidiária com relação a algo que deve trabalhar como infraestrutura ou determinação econômica e material.

Sobre o conceito de repressão, Foucault (1979) explica que quando o poder é definido desta forma há uma concepção unicamente jurídica. O poder é identificado como uma lei que diz não, ou seja, ele seria tratado como a força da proibição. Por conta disso, Foucault (1979) vê esse viés como uma noção negativa, restrita e esquelética do poder que todos aceitavam. Ao fazer essa observação, o estudioso questiona: “se o poder fosse somente repressivo, se não fizesse outra coisa a não ser dizer não, você acredita que seria obedecido?” (FOUCAULT, 1979, p.11).

Sendo assim, o filósofo explica os motivos pelo qual o poder é aceito e é mantido na sociedade. Para o autor:

[...] ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considera-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir (FOUCAULT, 1979, p.11).

Fischer (1999), ao fazer análise sobre os estudos de Foucault, menciona que o autor francês compreendeu que o poder existe em ato e em duas esferas. Uma delas é a de quem exerce o poder e a outra é sobre qual o poder é exercido. Além disso, a pesquisadora explica que nos dois “lados” há agentes do poder. Sendo assim, há lugar para respostas, reações e efeitos. A autora entende que o poder está inserido sobre aquele que é livre. Segundo Fischer (1999, p.45):

E a tendência da sociedade ocidental, como ele descobre, especialmente a partir da longa pesquisa feita para Vigiar e Punir, tem sido aperfeiçoar, burilar, sofisticar as estratégias de poder, criando-se dispositivos cada vez mais complexos, nos quais os indivíduos terminam por enredar-se, tomando para si as próprias ações que lhe cingem a subjetividade.

Sobremaneira, Foucault (1970) reflete sobre a relação intrínseca entre discurso e poder: “por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem

revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder” (FOUCAULT, 1970, p.10). O autor ainda explicita que o discurso não está restrito às traduções das lutas ou dos sistemas de dominação, mas sim pelo o que se luta – que, no caso, são os poderes aos quais queremos nos apoderar.

Sargentini e Navarro (2004) entendem que Foucault, por meio da sua análise genealógica, debate uma concepção de discurso que se alinha com a noção de poder. Os autores explicam que existe poder no próprio discurso e que o seu funcionamento acontece no núcleo das práticas discursivas. Os pesquisadores relatam que, nos estudos do filósofo francês, o poder não é exercido apenas por meio de enunciados interditos ou enunciados que reprimem e negam.

Lima e Braga (2020) também abordam o viés sobre a fase genealógica dos estudos de Michel Foucault. Os autores entendem que o pesquisador tentou analisar a forma como as relações de saber estão interligadas a uma rede de poderes que são capazes de controlar, selecionar, disseminar e possibilitar os conhecimentos que são apresentados com um status de verdade:

É partindo desta problemática que Michel Foucault direciona suas análises não para uma filosofia ou para uma teoria política, tampouco para o edifício jurídico, mas para uma análise dos mecanismos, das técnicas e dos instrumentos a partir dos quais se dá o exercício do poder em suas distintas modalidades, quais sejam: o poder de soberania, o poder disciplinar e o biopoder (LIMA; BRAGA, 2020, p.315).

Gregolin (2007, p.12) explicita que as redes de poder que estão envolvidas no biossocial são múltiplas e heterogêneas. De acordo com a autora, na sociedade atual, os responsáveis por circular as representações, as interconexões e os fios desse “labirinto” são os meios de comunicação de massa: “Por isso é perigoso entrar na ordem do discurso, porque nunca se diz nada por dizer, porque o simples fato de dizer já insere o dito no fluxo da história e dos poderes”.

Neste esteio, Foucault (2009) expõe que é necessário separar as relações de poder das relações de comunicação que manifestam uma informação por meio de uma língua, de um sistema de signos ou de qualquer outro meio simbólico. Para o pesquisador: “as relações de comunicação implicam atividades finalizadas (mesmo que seja apenas a ‘correta’ operação dos elementos significantes) e induzem efeitos de poder pelo fato de modificarem o campo de informação dos parceiros” (FOUCAULT, 2009, p.11).

A partir dessa associação entre relações de comunicação e relações de poder é que Gregolin (2020) reforça o poder do discurso das mídias, principalmente das redes sociais

digitais e considera que as plataformas possuem um impacto determinante na construção das identidades. Ou seja, o poder do discurso modifica e “dita” as situações:

Temos, por exemplo, tutoriais de moda que padronizam a beleza, colocando em evidência certas formas específicas de beleza, tal como a representação majoritária da modelo branca, ocidental e jovem, excluindo outros tipos de beleza e assim estabelecendo hierarquias, constituindo gostos e formas de consumo (GREGOLIN, 2020, p.78).

Gregolin (2020) complementa que quando nós comprovamos que as nossas identidades são construídas pelos meios de comunicação, é porque sua formação e propagação provocam alterações, algumas delas de grande relevância, nas relações sociais.

Deste modo, compreende-se a relação existente entre discurso, poder e sujeito, pois, como já discutido anteriormente, segundo Foucault (2009, p.14), o poder funciona em “sujeitos livres”, enquanto “livres”: “entendendo-se por isto sujeitos individuais ou coletivos que têm diante de si um campo de possibilidades onde diversas condutas, diversas reações e diversos modos de comportamentos podem acontecer”.

Aprofundando sobre a temática do sujeito, Sargentini (2004) compreende que as reflexões de Michel Foucault sobre o sujeito são fundamentais para os estudos do discurso e da articulação da língua e da história. Para a autora, o enfoque central do pensador francês não é buscar a verdade do ser, mas, essencialmente, diagnosticar técnicas, processos, forças que influenciam a história, constroem os discursos e constituem os sujeitos.

Foucault (2009) busca compreender como os saberes, os exercícios de poder transformam os seres humanos em sujeitos. Para fazer a análise e se aprofundar sobre a temática, o pensador lidou com três modos de objetivação. O ponto de partida são os modos da investigação. De acordo com o autor:

[...] que tenta atingir o estatuto de ciência, como por exemplo, a objetivação do sujeito do discurso na gramática geral, na filosofia e na linguística. Ou, ainda, a objetivação do sujeito produtivo, do sujeito que trabalha na análise das riquezas e na economia. Ou, um terceiro exemplo, a objetivação do simples fato de estar vivo na história natural ou na biologia (FOUCAULT, 2009. p.1).

Outro modo discutido pelo filósofo francês trata da objetivação do sujeito nas práticas divisoras. Segundo Foucault (2009), o sujeito é repartido no seu interior e em associação com os demais. O pesquisador explica que, neste modo, o sujeito é objetificado de modo a classificá-lo, hierarquizá-lo, delimitá-lo, e cita alguns exemplos como o louco e o são, o doente e o sadio, os criminosos e os bons meninos.

No seu terceiro e último momento, o autor analisa de que forma o ser humano se transforma em um próprio sujeito por meio de práticas e técnicas de si, principalmente a partir do domínio da sexualidade (FOUCAULT, 2009).

Desta forma, como pontuam Sargentini e Navarro (2004), a partir do pensamento de Foucault sobre sujeito, as relações do sujeito se formam entre os domínios do saber, do poder e da ética. Os autores ainda complementam e explicam que esses domínios fazem com que o sujeito possa avaliar como ele se estabelece enquanto sujeito do seu saber, enquanto sujeito que desempenha ou é atingido por uma relação de poder e também enquanto sujeito de sua própria ação.

Machado Júnior e Silva (2016) explicitam que, para Foucault, o motivo do sujeito ser um resultado das relações dos discursos produzidos nas relações de poder não significa que ele está submetido a um destino inevitável. Segundo os autores:

A proposta do pensador é apontar que não há um sujeito pré-estabelecido, do qual emanariam as relações de poder, pelo contrário, os sujeitos são construídos e/ou produzidos a partir dessas relações, pois, para este, a própria noção de sujeito tal como é, resulta de uma produção, visto que “o que chamamos sujeito é um enunciado social” (MACHADO JÚNIOR; SILVA, 2016, p.208).

Fischer (1999) menciona que, segundo as análises de Foucault, o sujeito está colocado em um determinado lugar na ordem do discurso. Para a autora, o filósofo francês entende que esse sujeito fala de um lugar específico e, conseqüentemente, não é dono livre de seus atos discursivos. “Foucault não está negando que as pessoas, individualmente, possam perceber-se como únicas, indivisas, senhoras de seu destino e de seus menores atos” (FISCHER, 1999, p.43).

Desta forma, Fischer (1999) explica que, para o pesquisador, indivíduos distintos são capazes de ocupar o lugar de sujeito em um mesmo discurso: posição sujeito, conforme já discutido na seção anterior desta monografia. Sendo assim, a autora destaca que o princípio do discurso não estaria em sujeitos individuais. Neste esteio, Foucault (2008) debate sobre o sujeito do enunciado:

É um lugar determinado e vazio que pode ser efetivamente ocupado por indivíduos diferentes; mas esse lugar, em vez de ser definido de uma vez por todas e de se manter uniforme ao longo de um texto, de um livro ou de uma obra, varia – ou melhor, é variável o bastante para poder continuar, idêntico a si mesmo, através de várias frases, bem como para se modificar a cada uma (FOUCAULT, 2008, p.107).

A partir dessa compreensão, Navarro (2004) faz um questionamento sobre quais são os indivíduos que têm o direito de entrar na ordem do acontecimento discursivo. De acordo com o autor:

Foucault responde, afirmando que não é qualquer sujeito que pode sustentar um discurso. É preciso, antes, que lhe seja reconhecido o direito de falar, que fale de um determinado lugar reconhecido pelas instituições, que possua um estatuto tal para proferir discursos (NAVARRO, 2004, p.112-113).

Na mesma abordagem, Fischer (2001) explica que quando a análise do discurso é realizada, mesmo que seja apenas um simples ato de fala individual, não há uma aparição de um sujeito. A autora esclarece que nessas situações, nos encontramos com um local de dispersão do sujeito e de sua descontinuidade. Na concepção da pesquisadora: “já que o sujeito da linguagem não é um sujeito em si, idealizado, essencial, origem inarredável do sentido: ele é ao mesmo tempo falante e falado, porque através dele outros ditos se dizem” (FISCHER, 2001, p.207). Segundo a autora, nos discursos nós sempre falamos de algum lugar, entretanto, eles (discursos) não permanecem iguais: falam e, ao mesmo tempo, são falados.

Assim, conforme Navarro (2004), os sujeitos não estão inseridos na origem de seus discursos e nem se desenvolvem como unidade na cadeia discursiva. O autor ainda expõe que Foucault, em sua abordagem genealógica, não considera o antropocentrismo por levar em consideração que o discurso não é resultado de um sujeito que pensa e sabe o que quer: o discurso determina o que o sujeito deve falar. O autor esclarece que ele (discurso) determina as modalidades enunciativas. Segundo o pesquisador, o sujeito não existe antes do discurso, pelo contrário, ele é uma própria construção no discurso “sendo este um feixe de relações que irá determinar o que dizer, quando e de que modo” (NAVARRO, 2004, p.113).

Realizadas algumas reflexões sobre “Discurso e Enunciado” e “Poder e Sujeito no/do Discurso” a partir do pensamento de M. Foucault, na próxima seção abordaremos Jornalismo Esportivo, ou seja, uma prática discursiva midiática que exerce um dado poder na sociedade contemporânea.

#### 4. JORNALISMO ESPORTIVO E A SUA PRÁTICA

Uma vez que esta pesquisa busca problematizar o discurso midiático esportivo, nesta seção, fazemos uma breve reflexão sobre o Jornalismo Esportivo. Sendo assim, este tópico discutirá o surgimento desta área de atuação, o seu contexto no Brasil e as práticas que envolvem a profissão.

De acordo com Rocco Júnior e Belmonte (2013), as especializações do jornalismo, a partir do crescimento dos veículos de comunicação de massa, fazem com que a audiência atinja público e informação específicas; conseqüentemente, toda a produção precisa ser direcionada para um segmento particular. “Isso fez surgir o jornalismo especializado, do qual o esportivo é uma das principais vertentes. As pautas, em geral, envolvem a cobertura de eventos, partidas, campeonatos, treinos, contratações de jogadores e técnicos” (ROCCO JÚNIOR; BELMONTE, 2013, p.2).

Fonseca (1981), citado por Tavares Júnior (2017), relata que não há dados concretos sobre o surgimento do jornalismo esportivo por se tratar de uma especialidade mais recente. Porém, de acordo com o autor, a história do jornalismo esportivo tem pouco mais de cem anos. Rocco Júnior e Belmonte (2013) discutem que, em 1822, em Londres, na Inglaterra, surgiram os primeiros registros de uma publicação no formato de jornalismo esportivo, no veículo *Bell's Life and Sporting Chronicle*. Segundo os autores, em 1885, o veículo passou a trabalhar com o princípio da periodicidade, tornando-se diário. No entanto, no ano seguinte, o veículo de comunicação foi comprado pelo seu concorrente *The Sporting Life*:

O *The Sporting Life* foi um jornal britânico publicado, diariamente, de 1859 a 1998. O veículo notabilizou-se pela cobertura que fazia do turfe. Outras crônicas famosas da publicação versavam, no final do século XIX e início do século XX – quando as agências de notícia colocam a cobertura internacional em escala no processo da Revolução Industrial, sobre a caça, que era, ao lado do turfe, os dois esportes preferidos da nobreza britânica (ROCCO JÚNIOR; BELMONTE, 2013, p.3-4).

Gurgel (2009) cita que no século XIX também surgiu um dos grandes veículos esportivos do mundo, o *Gazzetta Dello Sport*, criado em Milão, na Itália. O periódico foi fundado em 1896, data que também marcou o início dos primeiros Jogos Olímpicos da Era Moderna, disputado na capital grega Atenas. Gurgel (2009) expõe que as publicações do jornal contavam com conteúdos variados e abordavam práticas de atividade física, do ciclismo, do remo, do box, turfe, dentre outros.

No Brasil, segundo Rocco Júnior e Belmonte (2013), o desenvolvimento dos veículos de comunicação de massa foi fundamental para que a população brasileira criasse uma forte

identidade com o futebol. Ribeiro (2007) citado por Unzelte (2015) menciona que a cobertura esportiva no Brasil nasceu nos jornais – o primeiro meio de comunicação de massas – no final do século XIX e começo do século XX. Segundo Ribeiro (2007), mencionado por Unzelte (2015):

O jornalismo esportivo teria começado por aqui em 1856, com O Atleta, periódico da cidade do Rio de Janeiro cujo objetivo era passar receitas para o aprimoramento físico da população. Nessa mesma linha, seguiam os jornais O Sport e O Sportman, também cariocas, ambos de 1885 (RIBEIRO, 2007, p.26 apud UNZELTE, 2015, p.31).

Para Messina (2004), o primeiro veículo de comunicação que deu espaço à editoria de esportes no Brasil foi o Fanfulla. Entretanto, o jornal não era escrito na língua portuguesa. Dirigido à colônia italiana de São Paulo, o produto era redigido na língua materna deste público. Ainda de acordo com Messina (2004), por conta das publicações do veículo, convocando o público a formar uma equipe de futebol, que o Palestra Itália, atual Sociedade Esportiva Palmeiras, foi criado.

Os dados da ACEESP (1999) citado por Unzelte (2015) mostram que, em 1876, aconteceu a primeira publicação de cunho esportivo em um jornal paulista. A notícia tratava-se de uma corrida de cavalos – disputada no Rio de Janeiro – no dia 13 de agosto daquele mesmo ano. Unzelte (2015) cita outros exemplos do início das primeiras publicações e dos primeiros veículos de jornalismo esportivo no Brasil:

Em 1891, surgiu em São Paulo A Platea Sportiva, suplemento do jornal A Platea, que havia sido criado em 1888, inaugurando, assim, uma prática futuramente muito comum entre as publicações sobre o assunto: a criação de um “filhote” esportivo a partir de um título de interesse geral já conhecido do público, fosse ele um jornal ou uma revista. Entre as revistas, esse fenômeno se repetirá, entre outros, com A Cigarra Sportiva (1917), derivada da também revista A Cigarra (1914), de São Paulo; o suplemento semanal (posteriormente jornal diário, a partir de 1947) A Gazeta Esportiva (1928) e a revista A Gazeta Esportiva Ilustrada (1953), ambos originados do jornal A Gazeta (1906), também paulista; o suplemento de jornal (posteriormente revista independente) O Globo Sportivo (1938) e a revista Manchete Esportiva (1955), “filhotes”, respectivamente, do jornal O Globo (1925) e da revista Manchete (1952), ambos do Rio de Janeiro (UNZELTE, 2015, p.32).

Rocco Júnior e Belmonte (2013) mencionam que com a profissionalização do esporte na década de 1930 no Governo Getúlio Vargas, o rádio, que era o principal meio de comunicação de massa, transformou o esporte em um grande apelo nacional. “Para muitos, a identidade cultural do brasileiro passou a ser marcada pelo sucesso do nosso futebol, com o apoio inconteste dos meios de comunicação” (ROCCO JÚNIOR; BELMONTE, 2013, p.2). Assim, conforme Gurgel (2009), é nessa perspectiva que o futebol aparece como a principal

modalidade esportiva no Brasil. O autor explica que isso fez com que o esporte causasse uma ruptura com seu passado elitista e atingisse todas as classes sociais.

Gurgel (2009) aponta que o rádio influenciou a uniformização da informação. Neste sentido, o autor cita a importância da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, que entregava a paixão pelos clubes do estado para todo o país. Além disso, o pesquisador destaca que, em 1936, o veículo criou a sua primeira programação de cunho esportivo, “No Mundo da Bola”, que contava com a multinacional Sidney Ross como anunciante/parceira. No decorrer dos anos, o autor ressalta o papel dos veículos de comunicação na popularização do futebol no Brasil. Para Gurgel (2009): “o fato de clubes como Flamengo e Vasco da Gama ter projeção e torcida em âmbito nacional dialoga diretamente com as estratégias de veiculação dos jogos ainda na primeira metade do Século XX” (GURGEL, 2009, p.198).

Gurgel (2009) também explica que, apesar do rádio ter tido uma grande força na veiculação das modalidades esportivas, o jornal impresso também teve a sua relevância no início do século XX. O autor cita o Jornal dos Sports, também criado no Rio de Janeiro, em 1931. O pesquisador menciona que este veículo “revelou” um dos principais nomes da história do jornalismo esportivo brasileiro, o jornalista Mário Filho:

Ele foi um importante criador de aspectos fundamentais das técnicas de cobertura jornalística do esporte, além de importante agente de mudanças no campo da profissionalização esportiva e da promoção da inserção do esporte social e economicamente na sociedade brasileira (GURGEL, 2009, p.198-199).

Sobre o Jornal dos Sports, Konder (2004) esclarece que o veículo foi fundamental por “inserir” no linguajar dos torcedores e atletas expressões que marcaram o cenário do esporte brasileiro. Termos como o clássico carioca “Fla-Flu”, o “Dinamite” e o “urubu” (um dos símbolos do Flamengo) foram criados pelos profissionais do Jornal do Sports.

Konder (2004) elucida que das páginas do periódico foi criada, em 1949, a campanha para a construção do estádio do Maracanã, o maior estádio de futebol do Brasil. O jornal tinha uma relevância tão grande que até hoje em dia o estádio leva o nome do jornalista Mario Filho. Segundo a autora:

Por suas páginas, nesses 73 anos de vida, desfilaram os maiores jogadores de futebol da nossa história e desportistas como Adhemar Ferreira da Silva, no atletismo; Emerson Fittipaldi, Nelson Piquet e Ayrton Senna, no automobilismo; Maria Esther Bueno e Guga, no tênis; entre muitos outros (KONDER, 2004, p.23).

Com o passar dos anos, outro meio de comunicação começou a ter um papel importante no jornalismo esportivo: a televisão. Gurgel (2009) esclarece que foi com o “boom” da TV que as relações do jornalismo com os esportes mudaram. O pesquisador menciona que isso afetou até mesmo a relação do público e dos torcedores com as modalidades esportivas e com as suas respectivas equipes de coração.

Sobre a televisão no jornalismo esportivo, Gurgel (2009) discorre:

[...]a primeira transmissão esportiva integral foi realizada em 1948 nos Jogos Olímpicos de Londres. De certa maneira, após a Segunda Guerra Mundial, a realização dos grandes eventos esportivos agenda a divulgação de novas e decisivas tecnologias de telecomunicações. A evolução tecnológica também permite a complexificação da rede criada nos meios de comunicação de massa amplificando o poder de influência do jornalismo no mundo esportivo (GURGEL, 2009, p.199).

Entretanto, Gurgel (2009) explica que a ampliação da TV no mundo esportivo aconteceu na década de 1970. Neste período, surgiu na Rede Globo o programa Esporte Espetacular. O pesquisador ainda debate que o Brasil tem as suas características próprias no que diz respeito ao crescimento da televisão como maior referência do jornalismo esportivo e como um agente decisivo na propagação do esporte. Porém, de acordo com o autor: “os canais de televisão por assinatura não são tão fortes quanto em outros países, mas pertencem a grupos de comunicação que são verdadeiros conglomerados de entretenimento que acabam tendo tanta força” (GURGEL, 2009, p.201).

Com o passar dos anos, o jornalismo esportivo foi ganhando cada vez mais espaço e apresentando uma estrutura mais completa no Brasil. Para Betti (1998), não é possível discutir esporte contemporâneo sem relacioná-lo com os meios de comunicação de massa. Cardoso (2018) pondera que na contemporaneidade o jornalismo e os meios de comunicação veem o esporte pelo olhar dos aspectos mercadológicos. O autor explica que as modalidades esportivas estão cada dia mais relacionadas com os torneios de alto rendimento, também aos chamados megaeventos como, por exemplo, Copa do Mundo de Futebol, Jogos Olímpicos e suas imagens extraordinárias.

No entanto, a editoria passou por alguns desafios antes de se consolidar no contexto da profissão. Segundo Guerra (2015), citado por Tavares Júnior (2017):

Jornalismo esportivo é uma atividade, uma editoria dentro do jornalismo, que tem a sua história marcada, primeiro, por um preconceito envolvendo a atividade, como se fosse uma atividade menor e que, aos poucos, foi se consolidando como um espaço cada vez mais legítimo e importante da prática de todas as teorias de Comunicação, com elemento, um componente

diferencial, que nós lidamos com a paixão, lidamos com a emoção. E, por conta de lidarmos com emoção e com paixão, o jornalismo esportivo ganha um impacto e uma projeção muito maior no público do que qualquer outra editoria, porque você mexe com aqueles que torcem a favor e torcem contra e, por conta disso, isso acaba causando sempre um impacto maior. Então, eu acho que o jornalismo esportivo é, acima de tudo, o exercício profissional feito com paixão (GUERRA, 2015, apud TAVARES JÚNIOR, 2017, p.42).

Na mesma direção, Barbeiro e Lima (2013) destacam que o jornalismo esportivo deve atender aos mesmos princípios, principalmente éticos, de outros “campos” da profissão. Além disso, os autores destacam que o jornalista precisa estar preparado para fazer uma reportagem que envolva qualquer assunto, já que os âmbitos políticos e econômicos também estão inseridos no noticiário esportivo. Do mesmo modo, os pesquisadores também explicitam que jornalistas de outros segmentos também devem estar preparados para produzir conteúdo sobre esportes. “Pois esse segmento não é jornalismo de segunda categoria e não se confunde com talk-show, pois quem faz o espetáculo é o atleta, e não o narrador ou o repórter” (BARBEIRO; LIMA, 2013, p.168).

Para Konder (2004), em um jornal os conteúdos esportivos são tão relevantes quanto às notícias que envolvem política. De acordo com a autora, ambas as abordagens apresentam a mesma paixão e emoção, no entanto, esses sentimentos podem influenciar no pensamento racional do profissional. Nessa perspectiva, Konder (2004) explica que os profissionais das duas áreas têm a obrigação de serem objetivos. Dada a abordagem discursiva desta pesquisa, compreende-se que os ideais de objetividade, neutralidade da língua e imparcialidade são efeitos da constituição e funcionamento do jornalismo como uma área do saber. Ou seja, dada a historicidade da/na linguagem, objetividade e imparcialidade são ilusões do dizer, mas que sustentam o jornalismo como uma necessidade social.

O jornalismo esportivo é um campo muito amplo. Ele pode abranger diversas vertentes e trabalhar com distintas modalidades. Portanto, é necessário ter profissionais capacitados para lidar com esse tipo de situação. De acordo com Erbolato (1981):

A Editoria de Esportes tem importância pela diversidade dos assuntos que aborda, nos setores profissional e amadorístico. Para cada especialidade recomenda-se um jornalista que entenda do assunto e que explique e comente a possibilidade dos concorrentes e as consequências de uma vitória, derrota ou empate em algumas competições (ERBOLATO, 1981, p.15 apud TAVARES JÚNIOR, 2017, p.42).

Neste sentido, Barbeiro e Lima (2013) explicam que é fundamental conhecer as regras dos esportes e dos regulamentos dos campeonatos. Os autores debatem que, caso o repórter não tenha um conhecimento prévio sobre a regra de uma modalidade e não conheça os critérios de

classificação etc, esse profissional não terá capacidade de fazer uma boa cobertura jornalística de nenhuma competição esportiva.

Neste mesmo caminho, Coelho (2003) levanta uma questão importante sobre a área. Para o autor, não existe um jornalista de esportes exclusivamente. Há o profissional especialista em generalidades, mas que continua desempenhando a sua função principal que é informar. Porém, de acordo com o autor, este jornalista especializado pode ser muito mais produtivo quando ele tem domínio sobre aquele determinado assunto.

Konder (2004) expõe que não há uma fórmula pronta para ser um bom jornalista esportivo. A autora explica que o percurso para se tornar um bom profissional da área esportiva é o mesmo para ser um jornalista de outros campos: o conhecimento, a inteligência, honestidade, equilíbrio, amor à profissão e a objetividade são imprescindíveis e podem auxiliar nesse processo.

Barbeiro e Lima (2013) destacam que também não há um bom trabalho e boa cobertura esportiva sem emoção. No entanto, os pesquisadores refletem que os jornalistas não podem ser influenciados por ela, uma vez que os exageros emocionais nos condicionam para a desinformação.

Costa (2010) corrobora e explica que a emoção é uma ferramenta fundamental na composição da notícia esportiva. Sendo assim, de acordo com a pesquisadora, as reportagens são marcadas de maneira demasiada verbalmente por polêmicas e especulações. Costa (2010) expõe que os jogos e partidas são transformados em roteiros carregados de dramatizações em que o tom excessivo prevalece na tentativa de gerar os afetos do público (ou leitor), provocando uma identificação simples e imediata.

Neste sentido, Maluly (2004) elucida que conteúdos artísticos e culturais como, por exemplo, a literatura, o cinema, a música e o teatro podem ser materiais importantes para o complemento da matéria esportiva. O autor esclarece que o jornalista pode abordar um contexto mais abrangente na produção, indo além da cobertura simples e factual de tal evento esportivo.

Maluly (2004) menciona que uma competição pode ser levada como um espetáculo, com personagens e histórias impactantes. “Se um atleta foi personagem de um livro ou é semelhante ao protagonista ou mesmo quando uma história é parecida com a outra, a analogia enriquece de detalhes a reportagem” (MALULY, 2004. p.91).

Costa (2010) cita o exemplo dos jogos envolvendo a seleção brasileira principal nas Copas do Mundo. A autora esclarece que a emoção e o apelo mais dramáticos dos lances de um jogo aparecem com frequência nessas produções que envolvem a seleção brasileira. Para Costa (2010), “se configuram como um caldeirão de sentimentos diversos, acionados de acordo com

o placar final do jogo” (COSTA, 2010, p.68). Segundo Barbeiro e Lima (2013): “Transmissões de jogos de seleções brasileiras em copas do mundo e olimpíadas, por exemplo, ensejam surtos de nacionalismo. O atleta vira “nosso jogador” e o tom adquire um ufanismo *démodé* que lembra o nacionalismo fascista” (BARBEIRO; LIMA, 2013, p.167).

Discutindo sobre a prática do jornalismo esportivo, levando em consideração as reportagens, Maluly (2004) explica que existe uma diferença na reportagem do jornalismo esportivo em comparação com os outros setores da profissão. O autor expõe que em um torneio os personagens (atletas) são conhecidos de forma prévia e a coleta da pauta conta com informações adicionais, auxiliando o trabalho do repórter. O pesquisador também deixa claro que, se o jornalista só se baseia nos dados factuais, podemos mencionar que o profissional tem duas explicações: poucas informações sobre o tema ou a pesquisa não teve um papel significativo sobre a cobertura.

Maluly (2004) esclarece que o jornalismo lida com os dados levantados pela equipe de reportagem, mas que são escolhidos pelo acontecimento. Para o autor, tais dados dependem da característica de uma cobertura específica, “mas no jornalismo esportivo o fato vem sempre antes, porque a data, o local e a competição já estão previamente marcados” (MALULY, 2004, p.85).

Porém, Cardoso (2018) discute que o processo da produção das reportagens esportivas pode ser alterado em períodos de megaeventos como a Copa do Mundo de Futebol e os Jogos Olímpicos. O autor explica que nesses casos há uma ampliação da angulação das pautas, na busca por levantar diversas vozes e sugestões que representam os temas conectados ao esporte. Cardoso (2018) explica que uma reportagem pode ser determinante para o início de um caminho para crianças e adolescentes “porque representa a chance de aprendizado e melhor inserção na sociedade por meio de práticas esportivas e do componente gregário e lúdico que as acompanham” (CARDOSO, 2018, p.51).

Ainda sobre o processo de feitura da reportagem e da prática jornalística no esporte, Maluly (2004) explica que a escolha dos entrevistados é o acontecimento mais minucioso. Para o autor, em um evento esportivo, é natural os jornalistas entrevistarem os competidores e os demais atletas que estão inseridos naquele âmbito. O pesquisador coloca que com esse procedimento o conteúdo estaria concluído. No entanto, Maluly (2004) expõe que o profissional da área precisa analisar que em uma competição esportiva existem outros personagens: árbitros, comissão técnica, torcedores, dirigentes dos clubes etc: “Os profissionais de outras áreas também são entrevistados para dimensionar o trabalho dos profissionais que atuam no esporte, como da área de saúde, direito, administração etc” (MALULY, 2004, p.92).

De acordo com Maluly (2004), também é fundamental que o jornalista esportivo esteja informado sobre os últimos resultados e conquistas dos atletas e/ou time. O pesquisador debate que, com esse conhecimento prévio, o profissional pode fazer a análise e a interpretação se aquele determinado atleta ou equipe têm capacidade de vencer uma competição ou aquilo que está disputando. O autor explica que, desta forma, há uma falsa sensação de disputa (entre competidores e equipes) real para o público, criando uma expectativa sobre o resultado final de tal evento.

Maluly (2004) complementa que:

O jornalista despreparado envolve o público na disputa e mostra os competidores como iguais. A expectativa da vitória é para todos (apesar de o acaso ser uma das características do esporte), mas ela também causa a decepção. O dever do jornalista é levar as informações ao público e deixar que ele as interprete. Caso o atleta esteja preparado, é importante colocar essas virtudes, assim como os problemas pelos quais passou (MALULY, 2004, p.93).

Depois de abordar a questão do jornalismo esportivo, o seu contexto no Brasil e as práticas da profissão, a seguir, apresentamos brevemente a história do Clube de Regatas Flamengo e do treinador espanhol Domènec Torrent, antes de entrarmos, de fato, na análise dos objetos.

#### **4.1 Clube de Regatas Flamengo**

Rondinelli (2021) explica que a criação do Clube de Regatas Flamengo não aconteceu por meio do futebol, mas sim em função do remo. No final do século XIX, o remo era uma das principais modalidades esportivas no Brasil. A sua popularidade era tão grande que a população carioca sempre se reunia aos domingos para prestigiar as competições e apresentações dos atletas do remo.

Rondinelli (2021) expõe que foi apenas no início do século XX, em 1911, que o futebol chegou ao Flamengo. Naquela oportunidade, a equipe ainda não contava com um centro de treinamento adequado e uma estrutura consolidada para realizar a prática futebolística. Mesmo assim, o clube aderiu ao futebol. Além disso, o time do Fluminense – um dos maiores rivais do Flamengo – teve um desentendimento com a própria diretoria.

Um dos atletas do Fluminense, Alberto Borgeth, fez a proposta de formar uma seção de futebol no Flamengo, em que o mesmo já atuava como remador. A sugestão foi aprovada e o Departamento de Esportes Terrestres rubro-negro foi inaugurado no dia 8 de novembro de 1911 (FLAMENGO, 2021).

Conforme informações do próprio site (FLAMENGO, 2021), mesmo com pouco tempo de fundação, o Flamengo chamou a atenção. E para ganhar mais popularidade, a equipe realizava os seus treinamentos na Praia do Russel. A primeira partida do clube aconteceu no dia 3 de maio de 1912. Naquela ocasião, o Flamengo venceu o Mangueira, no campo do América, pelo placar de 15 a 2. O time foi a campo com Baena, Píndaro e Nery; Coriol, Gilberto e Galo; Bahiano, Arnaldo, Amarante, Gustavo e Borgerth (FLAMENGO, 2021).

E o seu primeiro título veio no mesmo ano. O time rubro-negro venceu o seu primeiro título Campeonato Carioca em 1912 ao superar o Fluminense por 2 a 1 com uma rodada de antecedência. O gol do título foi marcado pelo jogador Riemer (FLAMENGO, 2021).

Com o passar dos anos, o Flamengo foi se tornando um dos principais clubes de futebol do Brasil. Kowalski (2002) expõe:

De acordo com os dados da Folha de S. Paulo, da revista Placar e da Rede Globo, o Flamengo possui a maior torcida do estado do Rio de Janeiro e também a mais expressiva em nível nacional. Esses meios destacam o Flamengo como o clube preferido por 46% da torcida carioca, seguido do Vasco, com 23%, Botafogo, com 17%, e o Fluminense, com 13%. Para o Brasil, os percentuais são de 37% para o Flamengo, de 21% para o Corinthians e de 14% para o São Paulo (mencionados apenas os três clubes com maior torcida) (KOWALSKI, 2002, p.35).

Além da enorme popularidade, o clube é um dos maiores vencedores do futebol nacional. O Flamengo é o time com mais títulos no Campeonato Carioca com 37 conquistas, seis a mais que o Fluminense (GE.GLOBO, 2021). Levando em consideração o Campeonato Brasileiro, principal competição nacional do país, a equipe rubro-negra é a segunda com mais títulos na competição – com oito taças – ficando atrás do Palmeiras (dez) e empatando com o Santos (oito) (GOAL, 2021).

Entre outros grandes títulos, o Flamengo venceu três vezes a Copa do Brasil (1990, 2006 e 2013), duas vezes a Copa Libertadores da América (1981 e 2019) e uma vez o Mundial Interclubes em 1981 (FLAMENGO, 2021).

#### ***4.1.1 Domènec Torrent***

Domènec Torrent é um treinador de futebol espanhol de 58 anos com grande experiência como analista de desempenho e auxiliar técnico. “Dome” fez sucesso por trabalhar ao lado de uma das mentes mais brilhantes do futebol: Pep Guardiola (GOAL, 2021). Ambos trabalharam juntos no Barcelona de Lionel Messi, Xavi, Iniesta e Busquets e repetiram a dupla também no

Bayern de Munique em 2013 e mais recentemente no Manchester City da Inglaterra (GOAL, 2021).

Entretanto, Domènec resolveu aceitar um novo desafio na sua carreira. Depois de ser auxiliar de Guardiola por mais de uma década, o técnico aceitou a proposta do *New York City* dos Estados Unidos, equipe que faz parte do *City Football Group* – responsáveis pelo Manchester City (GOAL, 2021).

Na *Major League Soccer* (MLS), Dome teve duas temporadas com resultados positivos. Em 2018, o *New York City*, sua equipe, ficou na terceira posição da conferência leste e garantiu vaga na fase de mata-mata da competição. No entanto, o clube foi eliminado na primeira rodada. Na campanha seguinte, o clube de Nova York se classificou na primeira posição da conferência leste – melhor campanha da história do time –, mas não conquistou o título da MLS. Os comandados de Domènec Torrent foram eliminados na semifinal do torneio (GOAL, 2021).

Miranda (2020) explica que o treinador faz parte de um grupo restrito de profissionais que têm como filosofia futebolística o “Jogo de Posição”. Nomes como Pep Guardiola, Jorge Sampaoli e Louis van Gaal também são adeptos dessa proposta. “Essa filosofia tem como algumas premissas a posse de bola, a formação de linhas de passe por todo o campo e movimentos coordenados entre todo mundo” (MIRANDA, 2020, s/p).

Depois da passagem pelo *New York City*, o treinador espanhol acertou com o Flamengo em agosto de 2020. Pelo time rubro-negro, Dome comandou a equipe em 23 jogos. Foram 13 vitórias, quatro empates, seis derrotas e um aproveitamento geral de 62.3%. Ao todo, o time marcou 38 gols e sofreu 36 (SCHMIDT, 2020).

Com uma breve apresentação dos dois focos da pesquisa, o próximo capítulo aborda quatro objetos midiáticos de veículos distintos para verificar como os discursos dos jornalistas esportivos foram constituídos e como, por meio deles, se constroem sujeitos, especificamente técnicos de futebol.

## 5. PERCURSO METODOLÓGICO E ANÁLISE

A pesquisa sobre as regularidades discursivas da mídia esportiva no contexto da demissão do ex-treinador do Flamengo, Domènec Torrent, é de natureza qualitativa, de forma aplicada, descritiva e documental. A monografia teve o intuito de analisar como os discursos dos jornalistas esportivos são construídos e funcionam na sociedade, de como esses enunciados buscam produzir verdades sobre e para os treinadores do futebol brasileiro.

O método da pesquisa foi realizado por meio dos Estudos Discursivos Foucaultianos, em que a análise é compreendida como um gesto analítico do pesquisador. Desta forma, o empreendimento de análise é construído no próprio fazer, a partir da sua pergunta discursiva, neste caso: “Como funciona o discurso jornalístico da/na mídia esportiva sobre o trabalho do então treinador do Flamengo, Domènec Torrent, até culminar na sua demissão?”. Frente a isso, o analista precisa realizar dois gestos metodológicos:

- 1) isolar a instância do acontecimento para relacioná-lo não à atividade de um autor, de uma obra, da tradição ou espírito de época, mas a outros enunciados;
- 2) recortar uma série enunciativa para verificar as relações entre os elementos dessas séries e o modo como elas significam, constroem, produzem sentidos sobre o acontecimento (NAVARRO, 2008, p.63).

Segundo Navarro (2008), esses métodos têm o objetivo de compreender o sentido por meio da análise de rede interdiscursiva, além de verificar a relação que um determinado enunciado mantém com os outros. Frente a isso, entende-se que a análise já se inicia no próprio movimento do analista de recolher e constituir seu corpus de pesquisa. O critério para a seleção dos conteúdos midiáticos nesta monografia se deu a partir de três critérios: 1) a abordagem temática sobre o Flamengo e o seu antigo técnico Domènec Torrent; 2) dimensão temporal, ou seja, matérias publicadas na proximidade da demissão do então técnico supracitado; 3) enunciados midiáticos de veículos distintos, de modo a analisar enunciados de canais diversos no funcionamento do discurso esportivo.

Sendo assim, foram selecionados quatro enunciados, de veículos distintos, para serem examinados. O primeiro deles trata-se de um trecho do antigo programa audiovisual do Fox Sports “Giro Fox”. Já o segundo se refere à fala do jornalista do SporTV, André Rizek, no programa “Seleção SporTV”, replicada no jornal digital “Lance!”. Os outros dois enunciados de pesquisa foram veiculados em duas colunas de sites esportivos. A primeira foi publicada pelo jornalista Renato Maurício Prado, disponibilizada no “UOL Esporte”, e a segunda foi escrita por Paulo Cobos, divulgada no site da ESPN. Todos esses enunciados se encontram no Anexodeste trabalho.

A ideia foi coletar dados de veículos distintos por compreender que estão inseridos na rede discursiva midiática sobre esportes, produzindo enunciados sobre esse campo. A partir do batimento de descrição e interpretação dos enunciados de pesquisa, buscou-se observar quais regularidades discursivas que se fazem presente na sustentação dessa instância discursiva como autorizada/legitimada para produzir verdade sobre os técnicos esportivos.

Os enunciados selecionados são de um período próximo. O programa “Giro Fox” foi veiculado no dia 18 de setembro de 2020. O produto em destaque foi coletado, pois naquela oportunidade houve um debate sobre a possível demissão do treinador. O episódio aconteceu após uma goleada sofrida pelo Flamengo por 5 a 0 diante do Independiente Del Valle do Equador, em jogo válido pela fase de grupos da Libertadores da América de 2020.

Os outros três produtos são de novembro de 2020. Mês no qual a diretoria do Flamengo oficializou a demissão do treinador. No entanto, os materiais foram veiculados antes da saída do treinador espanhol do clube carioca.

No processo de leitura discursiva dos materiais, a partir e amparado no aporte teórico metodológico construído até então, nosso gesto de análise chegou a 5 (cinco) regularidades discursivas constitutivas/presentes no corpus escolhido: a comparação como valor: técnicos em confronto; o universo logicamente estabilizado: o futebol em números e dados; o “currículo” do técnico; a posição-sujeito jornalista: a autoridade do/no dizer; os apagamentos do/no dizer.

### **5.1 A comparação como valor: técnicos em confronto**

A “comparação como valor: técnicos em confronto” é uma das regularidades discursivas mais presente nos quatro enunciados. Seja em comparação com o antigo treinador do Flamengo, Jorge Jesus, ou com exemplos que citam equipes e/ou outros comandantes do futebol brasileiroe internacional.

A análise do jornalista André Rizek sobre o trabalho de Domènec Torrent, replicada no site “Lance!”, está relacionada com o trabalho anterior na equipe rubro-negra. Jorge Jesus ficou marcado na história do Flamengo. O treinador português chegou ao clube em junho de 2019 e foi um dos grandes responsáveis pelas conquistas do Campeonato Brasileiro e da Copa Libertadores da América no mesmo ano. Abaixo, excerto do enunciado em questão:

Em toda passagem do Jorge Jesus foram quatro derrotas, o Domènec já tem cinco. Não consigo dizer que é um grande trabalho, porque o Flamengo caiu de patamar - afirmou no 'Seleção SporTV' desta terça-feira (REDAÇÃO LANCE, 2020).

Ou seja, recorrer ao nome do profissional luso mexe com um imaginário social. Essa articulação nos leva a um funcionamento discursivo de nova ou velha identidade. Torcedores e

jornalistas esportivos se identificaram com o Flamengo de Jorge Jesus e não com o de Domènec Torrent. Como reflete Foucault (2008), todo discurso se constitui num jogo entre história e memória. Desta forma, observa-se que a sustentação de um enunciado contra Domènec, para existir e funcionar, está ligado a outros enunciados, alhures sobre outros técnicos, sobre a história do time.

O jornalista da ESPN Brasil, Paulo Cobos, também faz um discurso comparativo de valor e coloca os técnicos em uma posição de confronto. Em seu texto “Não dá mais para procurar desculpas: o trabalho de Dome é (muito) ruim no Flamengo”, Cobos discute:

Chega de culpar a falta de tempo para treinar. Praticamente todos os rivais também não têm, e eles não herdaram a máquina azeitada que o espanhol recebeu do português Jorge Jesus. Pare de reclamar dos desfalques: só o Flamengo no Brasil perde um Gabigol e consegue colocar um Pedro no lugar. Não diga que o Flamengo está perto dos líderes do Brasileiro e vivo na Conmebol Libertadores e na Copa do Brasil. Até treinadores decadentes como Abel Braga e Vanderlei Luxemburgo seriam capazes de entregar isso com um elenco tão poderoso e rivais tão medíocres (COBOS, 2020, s/p).

O profissional coloca em destaque duas situações: a “máquina azeitada” deixada por Jorge Jesus e a afirmação que “até treinadores decadentes como Abel Braga e Vanderlei Luxemburgo seriam capazes de entregar isso com um elenco tão poderoso e rivais tão ‘medíocres’”. A escolha pela palavra máquina também tem o objetivo de dar ênfase para a qualidade do time comandado pelo treinador português. Como se a equipe fosse impecável e capaz de superar qualquer adversário.

Além da comparação valorativa dos técnicos em confronto, Cobos (2020) faz uma análise sobre os adversários da equipe rubro-negra e chama todos eles de “medíocres”. Esse discurso causa um impacto de desvalorização do contexto para enaltecer o time carioca. Para que este enunciado do jornalista funcione como um “efeito de verdade”, é preciso que outros enunciados-acontecimentos sejam apagados. Abel Braga, treinador que foi o antecessor de Jorge Jesus no Flamengo em 2019 foi duramente criticado por torcedores e jornalistas em seu período, e Vanderlei Luxemburgo. Cobos discute que ambos teriam a mesma capacidade de Domènec Torrent no Flamengo. O jornalista supõe que outros treinadores com passagens recentes entregariam os mesmos resultados do comandante catalão.

A forma como o Flamengo de Jorge Jesus jogava encantou jornalistas, comentaristas, formadores de opinião e a própria torcida. Por conta disso, se o futebol apresentado pelo time de Dome não fosse minimamente parecido ou superior ao jogo do time rubro-negro de 2019, eles – futebol em campo e treinador – seriam tratados como fracasso ou decepção. O time rubro-

negro do treinador português criou uma relação de afinidade e de resgate à “essência do futebol brasileiro”. Isso impactou muito o campo do jornalismo esportivo.

Em entrevista para o “Lance!”, Rafael Marques, comentarista da Rádio Globo, CBN e Fox Sports fez uma análise sobre o trabalho do técnico português na equipe carioca:

Jorge Jesus foi um divisor de águas basicamente por dois aspectos. O primeiro: desenvolveu um lado racional dos jogadores do Flamengo. Fez com que entendessem a maneira de deslocarem com e sem a bola, de forma agrupada, permitindo desta forma a geração de espaço necessária para a qualidade prevalecer. E o segundo: a vontade de impor o jogo. De tomar a iniciativa, com auto-confiança. O que historicamente é a essência do futebol brasileiro, que se perdeu a partir da incidência de triunfos de modelos mais pragmáticos e reativos (REDAÇÃO LANCE, 2020, s/p).

Na coluna “Trabalho de Domènec, com o Flamengo, o melhor elenco do Brasil, é pífio”, escrita pelo jornalista Renato Maurício Prado, a regularidade discursiva envolvendo a comparação valorativa e o confronto entre os técnicos volta a aparecer. Além disso, existe a identificação e o discurso de encantamento com o trabalho de Jorge Jesus:

O magnífico Flamengo de Jorge Jesus foi destruído por Domènec Torrent em prol de uma equipe que não consegue mais marcar a saída de bola dos adversários, é incapaz de compactar seus três setores (defesa, meio-campo e ataque) e tornou a posse de bola, que ainda mantém, infrutífera, ineficiente. Não há como defendê-lo (PRADO, 2020, s/p).

Chama a atenção a escolha pela palavra destruído. O “encanto” foi quebrado pelo novo treinador. Todas as coisas boas que existiam com Jorge Jesus, citadas por Prado (2020), não existem mais com Domènec Torrent.

Os discursos comparativos de valor dos jornalistas esportivos envolvendo Domènec e Jesus podem ser relacionados com o que Foucault (1970) chama de discursos que estão na origem de certo número de atos novos de fala. Pois, de acordo com o filósofo francês, esses discursos têm a capacidade de transformar e retomar. Eles vão além de um simples diálogo. São ditos, permanecem ditos e estão ainda por dizer.

Portanto, mesmo depois da saída do treinador português do clube rubro-negro, os jornalistas esportivos trabalhavam com essa ideia de comparação para avaliar o que era bom ou ruim no Flamengo de Domènec. Não há uma separação entre os personagens (treinadores). Eles sempre estão em confronto.

Foucault (1970) explicita que em toda sociedade a produção discursiva é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por um número específico de

métodos que têm como finalidade a conjuntura de poderes e perigos, domínios do acontecimento aleatório e de se distanciar da pesada e formidável materialidade.

Para Foucault (2008), os discursos também são frutos de uma associação indissociável entre saber e poder. Os jornalistas assumem essa posição de quem pode e estão legitimados a dizer uma verdade. Ocupam um lugar de poder e de um discurso que será colocado em circulação massivamente.

Entretanto, as regularidades discursivas não estão apenas relacionadas com a comparação entre os profissionais do futebol. Sendo assim, é importante discutir a associação dos jornalistas esportivos com os números e com as estatísticas.

### ***5.1.1 O universo logicamente estabilizado: o futebol em números e dados***

Uma das regularidades presentes nos enunciados selecionados é a análise por meio de estatísticas e dados. A imprensa esportiva no geral utiliza essa ferramenta para avaliar um trabalho de um treinador de futebol, seja no Brasil ou até mesmo na Europa. Como advindos do terreno daquilo que M. Pêcheux (2002) denomina de logicamente estabilizado, os números/dados/estatísticas trabalham na suposta transparência do que “dizem”, uma univocidade dos sentidos. Entretanto, o futebol é um esporte complexo. Assim como os demais. Nesse jogo discursivo que olha exclusivamente para os números há um apagamento da espessura histórica, as interações humanas, a metodologia de trabalho e as adaptações. Perarnau (2017) explica como o futebol vai além do âmbito físico, técnico e, conseqüentemente, dos dados:

Pode-se alegar que o futebol pertence unicamente ao âmbito físico e técnico, que não possui nenhuma dose de intelecto, mas eu me permito aqui rebater essa alegação: o futebol são ideias (além de gestos técnicos e outros muitos fatores). A ideologia, entendida como a proposta que um treinador apresenta a uma equipe, tem sido um dos grandes impulsos da evolução do futebol (PERARNAU, 2017. p.2017).

Domènec Torrent também teve o seu projeto analisado desta forma pelos profissionais. Novamente citando o primeiro parágrafo da repercussão do discurso de André Rizek no jornal “Lance!”, o jornalista menciona que em todo período de Jorge Jesus – o português ficou um ano à frente da equipe – o Flamengo teve quatro derrotas. No entanto, com o catalão o time rubro-negro já possuía cinco reveses. “Não consigo dizer que é um grande trabalho, porque o Flamengo caiu de patamar” (REDAÇÃO LANCE, 2020, s/p).

Ou seja, pelo discurso do jornalista André Rizek, as cinco derrotas de Domènec já são o suficiente para colocar em evidência o nível da equipe e a qualidade do projeto. Mas é válido destacar que das cinco derrotas mencionadas pelo jornalista duas delas aconteceram nos dois

primeiros jogos. O comandante catalão mal havia treinado o time e já teve de enfrentar dois adversários competitivos: Atlético-MG e Atlético-GO. Para efeito de comparação, dialogando com a regularidade discursiva acima, nos primeiros oito jogos de Jorge Jesus no Flamengo, a equipe teve três vitórias, três empates e duas derrotas – 50% de aproveitamento dos pontos – e uma eliminação na Copa do Brasil para o Athletico-PR. Um apagamento histórico desses enunciados-acontecimentos é realizado para que a análise do jornalista funcione como uma verdade inquestionável.

Prado (2020) traz em sua coluna os números defensivos do Flamengo. O jornalista faz um recorte dos últimos três jogos de Domènec na equipe rubro-negra (a coluna saiu horas antes do treinador ser demitido) e faz o seu discurso de acordo com esse viés. Segundo o jornalista:

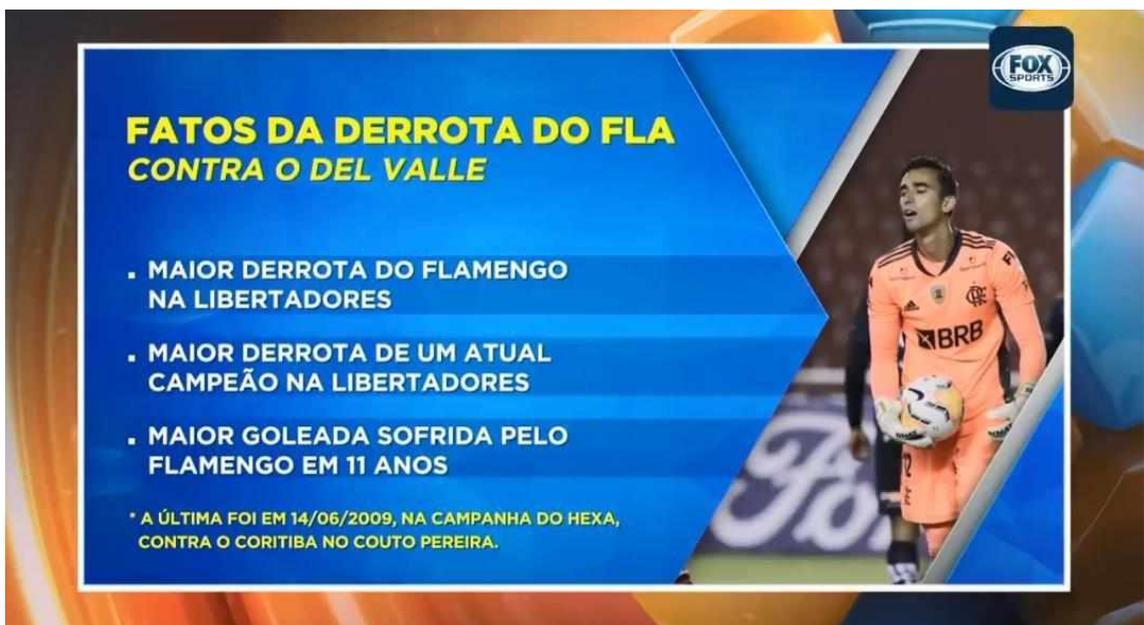
O desastre defensivo do Flamengo é apenas a ponta do iceberg. A incompetência mais evidente. Nos últimos três jogos (São Paulo, Athletico Paranaense e Atlético Mineiro), a zaga sofreu 10 gols. E em todas estas partidas seu jovem goleiro revelação ainda fez defesas milagrosas! Registro: o rubro-negro tem a segunda pior defesa do Brasileiro, com 29 tentos sofridos, à frente apenas do lanterna Goiás, com 33 (PRADO, 2020, s/p).

Além de selecionar um universo logicamente estabilizado (recorte dos três jogos), os números assumem uma posição de verdade absoluta. Não há uma análise aprofundada sobre o sistema defensivo e de como ele vem sendo trabalhado pelo treinador. Somente as estatísticas sustentam a argumentação. Nesta direção, Gomes (2018) discute que as disciplinas do logicamente estabilizado demonstram o tempo todo a vontade de alcançar a uma única verdade. De acordo com a autora, elas debatem a existência de um único real, que é compreensível e abrangível pelo homem em seu conjunto.

O programa Giro Fox, outro enunciado que faz parte da análise, também elucida a questão dos números/estatísticas. Entretanto, é válido destacar que as observações feitas pelo produto têm uma amostra menor. O Giro Fox foi realizado logo após a goleada do Flamengo para o Independiente Del Valle na Libertadores, no dia 18 de setembro de 2020. Domènec estava há um pouco mais de um mês no comando técnico do clube rubro-negro. Os jornalistas do programa fizeram uma análise daquele momento do trabalho de Dome no Flamengo com base nos números. Essa regularidade discursiva não está apenas inserida no contexto do clube carioca, ela é realizada em diversos casos do futebol brasileiro.



Créditos: Captura de tela / canais FoxSports



Créditos: Captura de tela / canais FoxSports

Nota-se que o enunciado midiático toma os números como uma condição de verdade absoluta, que não abrem margem para a interpretação. Perarnau (2017) fala da relação da imprensa esportiva com a principal ferramenta do futebol: o próprio jogo. “Se não se faz um mínimo esforço para entender o jogo, as análises acabam sendo desalentadoramente supérfluas, recorrendo-se a aspectos totalmente alheios ao próprio jogo. Basta olhar diariamente a imprensa para se comprovar isso” (PERARNAU, 2017).

Cobos (2020), da ESPN, também faz um discurso que envolve a questão dos números e estatísticas no futebol:

A realidade é que Dome entrega um time com uma defesa capenga e que vive hoje do brilho individual de seus craques (e sorte que eles são muitos). E que acumula derrotas vexaminosas, como as goleadas sofridas para o Independiente Del Valle-EQU e São Paulo. E que não é capaz de chegar ao aproveitamento de 50% contra os times mais fortes do Brasileiro” (COBOS, 2020, s/p).

O jornalista cita a fase e os problemas do Flamengo, mas termina a sua argumentação colocando as estatísticas do time contra os adversários mais fortes do Campeonato Brasileiro. Os dados são frios. Além disso, Cobos (2020) não cita o seu critério para selecionar quais são as equipes mais competentes da competição e também quais foram os motivos de fazer este recorte. A análise é simples e as estatísticas comprovam a “verdade”.

### 5.1.2 O “currículo” do técnico

A construção de carreira de Domènec Torrent é outra regularidade discursiva constante nos enunciados. O treinador fez um grande sucesso por trabalhar como auxiliar técnico de um dos principais nomes do futebol mundial: Pep Guardiola (GOAL, 2020). Os dois estiveram juntos nos anos vitoriosos do Barcelona (2008-2012) de Xavi Hernández, Andrés Iniesta, Carles Puyol, Sergio Busquets e Lionel Messi. Em junho de 2013, a dupla repetiu o mesmo feito no Bayern de Munique – onde ficaram três temporadas – e mais recentemente no *Manchester City* da Inglaterra (GOAL, 2020).

O primeiro trabalho de Domènec, de fato, foi no *New York City* dos Estados Unidos em 2018. Depois de ter uma passagem de dois anos pela equipe nova-iorquina, o catalão aceitou o convite para ser o novo treinador do Flamengo (GOAL, 2020).

Por conta da sua carreira como treinador ser curta e também por ter tido mais êxito como auxiliar de Guardiola, os discursos dos jornalistas questionam com frequência a capacidade e conhecimento de futebol do técnico, ou seja, o seu currículo e as suas experiências como treinador de futebol.

No programa Giro Fox, o comentarista Edmundo diz que um dos motivos de o Flamengo ter sido goleado pelo Independiente Del Valle da Colômbia por 5 a 0 foi pelo fato do treinador catalão não conhecer o continente e a competição.



Captura de tela / canais FoxSports

A regularidade também aparece com muita frequência no texto do jornalista Renato Maurício Prado. Ao abordar sobre o sistema defensivo do time rubro-negro, Prado (2020) discorre:

Raposa felpuda, com acesso aos treinos no Ninho do Urubu, me garante que Torrent não é muito chegado a treinar a defesa. Que se dedica, principalmente, a exaustivos exercícios de toque de bola e de posicionamento no ataque. É esse o seu foco, sua obsessão. Pior, nem seus auxiliares de comissão técnica se preocupam muito em orientar os zagueiros – talvez porque não saibam. Diante do que se tem visto, a informação torna-se bem plausível. Lembrança importante: a defesa era o setor da equipe a que Jesus dedicava maior atenção (PRADO, 2020, s/p).

Além de fazer uma suposição sobre a capacidade intelectual do treinador e dos seus auxiliares, Prado (2020) minimiza a metodologia de trabalho de Domènec ao falar sobre os “exaustivos exercícios de toque de bola e de posicionamento no ataque”. Soma-se a essa estratégia discursiva a regularidade discursiva discutida anteriormente – a comparação como valor: técnicos em confronto – ao abordar que a defesa era o setor da equipe a qual Jorge Jesus mais trabalhava no seu período de Flamengo.

Prado (2020) também faz uma análise sobre o estilo de jogo proposto por Domènec Torrent. O jornalista realiza um questionamento sobre a ideia do técnico. Este apontamento está associado com o currículo e com experiências de Dome como treinador. Vale ressaltar que o espanhol segue a filosofia do jogo de posição de Rinus Michels, Johan Cruyff e Pep Guardiola. E pelo fato de ter sido “formado” por essa estratégia de jogo, o catalão tentou implementar o modelo na equipe rubro-negra. Na concepção de Prado (2020):

Na entrevista após a goleada sofrida no Mineirão, Dome reconheceu que a defesa tem problemas, mas ressaltou que o ataque vai bem. Historinha pra boi dormir. O tão badalado sistema posicional engessou Bruno Henrique (um dos principais craques do Flamengo, multicampeão nos tempos de Jesus) e vive agora de cruzamentos altos e erráticos sobre a área. Os gols nascem, em sua maioria, pelo talento individual de jogadores como Pedro, Gérson e Éverton Ribeiro. O esquema do catalão, na prática, se limita a abrir jogadores nas extremas (para tentar espaçar a defesa adversária) e a fazer inversões constantes de jogo, tentando gerar a tal superioridade numérica que raríssimas vezes pode ser vista. No jogo contra o Atlético Mineiro, em momento algum (PRADO, 2020, s/p).

Prado (2020) volta a fazer uma análise sem muitos argumentos sobre o ataque/jogo posicional. As experiências e o currículo de Domènec sempre são colocados em evidência. E para que esse comentário funcione, observa-se que há um silenciamento de outros enunciados que discutem como a estrutura da ideologia de jogo vai muito além de engessar os jogadores e de cruzar bolas na grande área do adversário. Perarnau (2017) explica quais são as ferramentas que compõem o estilo posicional:

Posse de bola: a posse é uma ferramenta, só uma ferramenta, não é o modelo de jogo nem a filosofia que o inspira; Superioridade numérica na defesa e numérica ou posicional no centro do campo; Amplitude máxima de campo para encontrar a maior profundidade possível, combinando com sequências de passes para atrair adversários e liberar o atacante para seu duelo individual; Escalonamento de jogadores para facilitar o início do jogo e o avanço compacto; Busca do terceiro homem em todas as ações de construção de jogo e de homens livres entre as linhas de pressão rivais (terceiro homem = buscar o homem livre partindo de triângulos); Proteção defensiva mediante a posse da bola (como disse Pep: “A melhor maneira de esfriar um ambiente quente é ter a bola”) e o emprego seletivo da pressão depois de sua perda; Respeito às posições, estimulando a troca de jogadores nelas e dando prioridade para que a bola chegue ao jogador que a espera, e não o contrário; Excelência no gesto técnico, incluída a posição corporal na recepção e no passe, além da busca de passes que melhorem a posição do companheiro; Intensidade máxima em todos os momentos do jogo, entendida como poder de concentração; Posição dominante no campo (refletida pela linha defensiva adiantada) e orientação puramente ofensiva (PERARNAU, 2017, p.180-181).

Perarnau (2017) ainda explicita que a ideologia do jogo de posição tem dois pontos positivos como destaque. A primeira proposta é ter um modelo de jogo bem definido, capaz de potencializar o conhecimento espacial e dinâmico de um jogador. O jornalista espanhol também esclarece que o treinamento instrui para os atletas as possíveis rotas que o jogo pode tomar:

[...] é um mapa detalhado da topografia que deve ser superada e, portanto, é uma ajuda inestimável para o protagonista. Por outro lado, ainda que pareça contraditório em relação à frase anterior, é um modelo aberto – “evolutivo” – que se conecta bem com a complexidade do futebol: permite incluir melhorias e avanços, modificar as falhas e fraquezas que são observadas e adaptar o

mapa às características específicas dos jogadores e à sua progressão (PERARNAU, 2017, p.182).

Portanto, o modelo de jogo é muito mais profundo do que simplesmente “jogadores engessados”, “cruzamentos altos”, e “inversões constantes de jogo”. Entretanto, observa-se que o discurso do jornalista em destaque entra em “confronto” com a explicação. A ideia é questionar o potencial de Domènec, o seu currículo, as suas experiências como treinador, a capacidade como profissional e deixar claro que a estratégia proposta pelo técnico catalão não funciona e não tem funcionado no Flamengo.

### ***5.1.3 A posição-sujeito jornalista: a autoridade do/no dizer***

Um dos tópicos principais desta análise é a posição-sujeito que os jornalistas esportivos assumem ao falar da passagem de Domènec Torrent no Flamengo. Dialogando com o capítulo teórico sobre Discurso e Enunciado, Silveira (2014) expõe que as posições-sujeito estão ligadas à natureza do discurso. O autor compreende que, para Foucault, um enunciado não tem o objetivo de analisar os vínculos entre o autor e o dito. Sendo assim, o intuito é estabelecer a posição que todo indivíduo pode e deve ocupar para ser sujeito do enunciado. “É por isso que podemos afirmar que o sujeito enquanto posição-sujeito encontra-se inserido em uma formação discursiva como paciente no discurso médico” (SILVEIRA, 2014, p.46).

Neste sentido, os jornalistas se colocam em uma posição-sujeito de autoridade, deixando claro a noção de poder inserida nesta relação. “O poder não é um objeto natural, uma coisa; é uma prática social e, como tal, constituída historicamente” (MACHADO, 2005, p.10). Todos são jornalistas renomados. Sendo assim, os seus discursos sempre assumem uma grande credibilidade/autoridade pela história de cada um deles no campo do jornalismo esportivo.

O título da coluna de Prado (2020) nos mostra bem essa autoridade, “Trabalho de Domènec, com o Flamengo, o melhor elenco do Brasil, é pífio”. Para compreender esse funcionamento, recorreremos às reflexões de Fischer (1999) quando faz uma análise sobre os estudos de Foucault e expõe que o autor francês compreendeu que o poder existe em ato e em duas esferas. Uma delas é a de quem exerce o poder e a outra é sobre qual o poder é exercido. Neste sentido, Prado (2020) exerce o seu poder/autoridade, como jornalista esportivo, para avaliar o trabalho de Dome.

Foucault (1970) destacado no capítulo “Poder e Sujeito no/do discurso” reflete que: “por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder” (FOUCAULT, 1970, p.10). Ou seja, os jornalistas estão inseridos nessa relação de autoridade e poder ao realizarem os seus

discursos. Além disso, podemos perceber como os discursos estão relacionados com o poder da mídia. Nesta direção, novamente trazendo para o debate uma colocação do capítulo sobre Discurso e Enunciado, Navarro e Voss (2011) explicitam que os discursos da mídia são impactados pela vontade de verdade. Para os autores, lidando ao redor de saberes, importa compreender e analisar objetos midiáticos associando-os à verdade(s) que os mantêm. Os pesquisadores também debatem que: “o poder da política e da mídia na manutenção dos ‘discursos verdadeiros’ que circulam pela nossa sociedade é tão grande a ponto de formar e transformar seus objetos, suas modalidades enunciativas, seus conceitos e suas estratégias” (NAVARRO; VOSS, 2011, p.74).

Em seu texto, Cobos (2020) também faz um apontamento que mostra uma posição-sujeito de autoridade/poder: “quatro meses depois de chegar na Gávea, Dome não pode mais dar desculpas. Chegou a hora de seu Flamengo jogar melhor e parar de acumular derrotas como se fosse um time comum. Não é!” (COBOS, 2020). A posição-sujeito jornalista esportivo aparece e de forma “enfática”, principalmente quando o profissional cita: “Dome não pode dar mais desculpas”. Esse discurso assume uma postura de impacto e imposição. Como se o jornalista estivesse colocando um limite para o treinador espanhol no Flamengo. Observa-se no corpus analisado que a posição-sujeito ocupada pelos jornalistas não é simplesmente daquele que observa, relata, discorre, narra os fatos/acontecimentos. Há, neles, uma posição-sujeito de jornalista-avaliador, que valora/critica o objeto do seu discurso.

Lima e Braga (2020,) ao analisarem a fase genealógica de Foucault, entendem que o pesquisador francês tentou verificar a forma como as relações de saber estão interligadas a uma rede de poderes que são capazes de controlar, selecionar, disseminar e possibilitar os conhecimentos que são apresentados com um status de verdade. Podemos ver que os discursos adotados pelo jornalista da ESPN são retratados com um viés de verdade.

No excerto abaixo, observamos como Prado (2020) assume uma posição-sujeito de autoridade:

Apesar de ainda estar entre os primeiros na tabela de classificação (obrigação mínima, diante do plantel milionário e de alta qualidade que dirige), o fato é que, com um grupo até mais forte do que aquele com o qual Jorge Jesus ganhou o Brasileiro e a Libertadores, Dome não consegue extrair do time um futebol minimamente à altura de seus jogadores (PRADO, 2020, s/p).

Neste esteio, é válido mencionar o que explica Gregolin (2020). Segundo a autora, o poder do discurso das mídias, principalmente das redes sociais digitais, exerce um impacto determinante na construção das identidades. Ou seja, o poder do discurso modifica e “dita” as

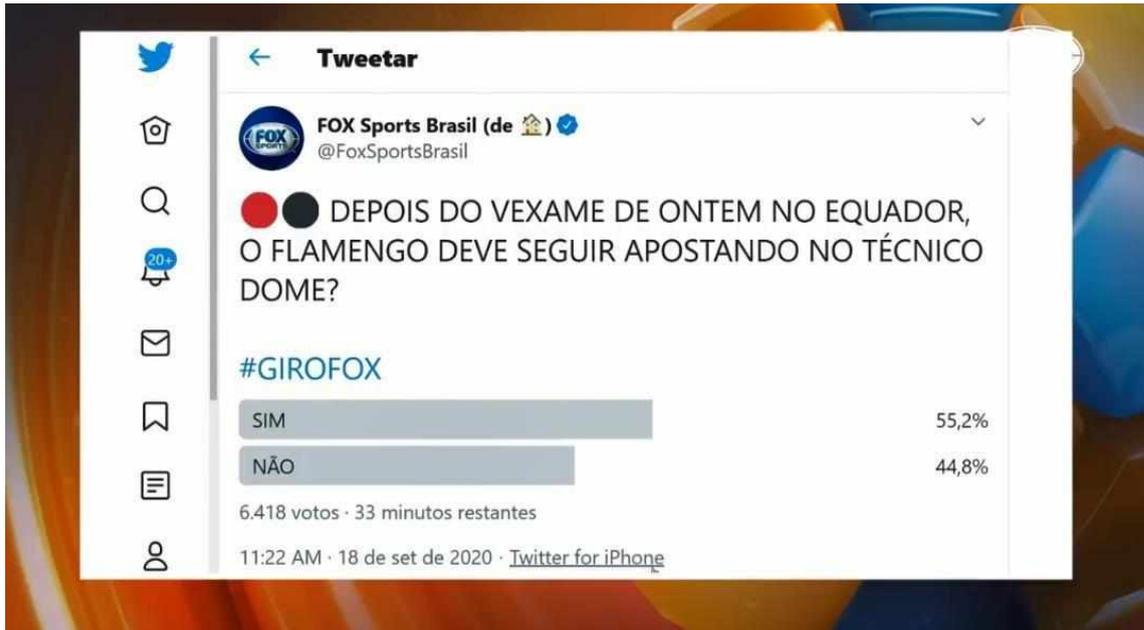
situações. Em consequência disso, o público (torcedores, dirigentes e/ou outros jornalistas da área etc) que recebe os discursos desses enunciadores pode se identificar e adquirir esse tom de verdade dito pelos personagens que se colocam na posição-sujeito de autoridade.

Machado (2010), citado por Braga da Silva et al (2014), reforça que os treinadores de futebol estão em confronto com o poder da mídia. Segundo o autor, os veículos de comunicação são os responsáveis por dar elogios positivos, negativos, dar credibilidade e apontar as competências e defeitos dos técnicos do futebol. De acordo ainda com o autor, o reconhecimento e a valorização social dos técnicos estão relacionados com essas observações feitas pela mídia, pois esses fatores são determinantes para que um projeto dentro de um clube de futebol seja reconhecido pelo público.

O programa Giro Fox colocou uma enquete no Twitter com a seguinte questão: “depois do vexame de ontem no Equador, o Flamengo deve seguir apostando no técnico Domènec?”. Além de fazer o questionamento, o programa discute a permanência do treinador no cargo – algo que nem a diretoria ainda cogitava – e lança a discussão para o público/torcedores. Ou seja, observa-se como a esfera midiática coloca em circulação na sociedade um enunciado-questionamento que, não obstante, tem implicações naquilo que os homens fazem/dizem.



Créditos: Captura de tela / canais FoxSports



Créditos: Captura de tela / canais FoxSports

Portanto, percebemos que a posição-sujeito de autoridade/poder é muito forte no campo do jornalismo esportivo. Os profissionais assumem essa postura pelo histórico como jornalistas e pela credibilidade dos veículos em que trabalham. Os seus discursos podem impactar e exercer poder sobre outras esferas sociais.

#### *5.1.4 Os apagamentos do/no dizer*

Os apagamentos do/no discurso também são uma das regularidades discursivas encontradas nas observações e análises dos enunciados selecionados, como já apresentado em algumas passagens das análises das regularidades discursivas anteriores. Essas desconsiderações do/no dizer têm o intuito de reforçar os argumentos dos jornalistas esportivos que assumem uma posição-sujeito e destacam os fatores negativos do trabalho de Domènec Torrent no Flamengo, que acabaram culminando na sua demissão em novembro de 2020.

No primeiro parágrafo da coluna do jornalista Renato Maurício Prado, o profissional faz uma avaliação sobre o trabalho de Domènec:

Não há desculpa. Se você tem nas mãos o melhor elenco do Brasil, provavelmente da América do Sul, e recebeu de mão beijada um time supercampeão, que jogava por música, sua obrigação é fazer que continue a atuar assim – e se tiver convicções táticas diferentes –, que espere para modificar algo quando tiver tempo suficiente para treiná-las. É o tal óbvio ululante que nos falava o tricolor Nelson Rodrigues (PRADO, 2020, s/p).

Prado (2020) faz a sua observação sobre o trabalho de Domènec. Para o autor, receber as condições daquele Flamengo – qualidade técnica dos jogadores e estrutura de trabalho –

obriga, de acordo com o jornalista/comentarista, qualquer treinador a fazer um bom trabalho. No entanto, ignora-se o entorno, a forma como cada treinador realiza sua metodologia de trabalho e concepção de jogo.

Além disso, ao longo do projeto do catalão no clube rubro-negro, a equipe chegou a ter uma baixa de 16 jogadores afastados por COVID-19. Ao todo, foram 27 membros do clube que testaram positivo para o vírus, inclusive o próprio Domènec Torrent (Mota et.al, 2020). O enunciado de Prado (2020) realiza um apagamento histórico desses fatos; acontecimentos esses que, de certa forma, impactaram a passagem do espanhol no time carioca.

Gregolin (1995) disserta que os discursos se constituem na trama histórica, que possibilita determinados dizeres e, conseqüentemente, silencia, impede, apaga e repele tantos outros. Portanto, podemos observar como a análise de Gregolin sobre os discursos se associa com a colocação de Cobos (2020). O jornalista esportivo afirma: “se faltava alguma certeza, ela não existe mais. Ao ser massacrado por 4 a 0 por um Atlético-MG que se arrastava nas últimas rodadas do Brasileiro, não há mais como negar: o trabalho de Domènec Torrent no Flamengo é muito ruim!” (COBOS, 2020).

No entanto, o jornalista esportivo desconsidera o bom momento vivido pelo Flamengo entre o período de 22 de setembro a 28 de outubro de 2020 (12 dias antes da demissão de Dome do clube carioca). O clube rubro-negro teve uma sequência de 12 jogos de invencibilidade durante a temporada. Neste período, o clube da Gávea teve um desempenho de oito vitórias e quatro empates – mais de um mês de invencibilidade – e um aproveitamento de 77% dos pontos. Foram 29 gols marcados e 10 gols sofridos. Além disso, o Flamengo continuava na disputa pelo título do Campeonato Brasileiro e estava também nas fases finais da Copa do Brasil e da Copa Libertadores da América (SOFASCORE, 2020).

Prado (2020) também destaca algumas derrotas expressivas do Flamengo com o treinador catalão:

De lá pra cá, a quantidade de erros cometidos pelo catalão é assustadora. Não à toa, seus vexames começam a se acumular: goleadas de 5 a 0, para o Independiente del Valle; de 4 a 1, para o São Paulo, e agora, de 4 a 0, para o Atlético Mineiro. Fora derrotas igualmente indigestas, para o Atlético Goianiense (3 a 0) e para o Ceará (2 a 0) (PRADO, 2020, s/p).

Entretanto, observa-se, neste enunciado, um silenciamento a respeito dos triunfos positivos contra o mesmo Independiente Del Valle na Libertadores (4 a 0), vitória contra o Corinthians na Neo Química Arena por 5 a 1, e o 3 a 1 contra o Athletico-PR no Campeonato

Brasileiro. No funcionamento discursivo, esse apagamento funciona como uma estratégia que sustenta a enunciação como verdadeira, como irrefutável.

Na regularidade sobre “o universo logicamente estabilizado: o futebol em números e dados”, os jornalistas elencaram diversos números e estatísticas para observar o trabalho de Domènec de forma negativa, entretanto, podemos observar que houve um apagamento dos momentos bons do técnico catalão com time na temporada 2020, também possíveis de estarem presentes em números e estatísticas, como os citados acima.

Nenhum dos profissionais aborda este período de evolução do Flamengo e do treinador no comando da equipe. Portanto, há uma articulação de silenciamento/apagamento discursivo neste sentido para enfatizar somente os fatos negativos ao longo da passagem do treinador.

As análises sobre as regularidades discursivas são fundamentais para compreender como a imprensa esportiva pode construir um discurso positivo ou negativo sobre um trabalho de um treinador no futebol brasileiro e também observar a influência desses discursos na continuidade dos projetos esportivos dos clubes. O caso envolvendo Domènec Torrent no Flamengo atende todas as particularidades discutidas acima. As comparações entre técnicos, o universo logicamente estabilizado (o futebol em números e dados), o currículo, a posição-sujeito e os apagamentos discursivos são essenciais para verificarmos essa relação da mídia esportiva e como ela produz verdades sobre e para os treinadores do futebol brasileiro.

## 6. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Esta pesquisa teve o intuito de analisar o funcionamento discursivo da mídia esportiva no contexto da demissão do técnico de futebol Domènec Torrent, ex-comandante do Flamengo. Para isso, foram analisados quatro enunciados: “Não dá mais para procurar desculpas: o trabalho de Dome é (muito) ruim no Flamengo”- texto do jornalista Paulo Cobos (ESPN); “Trabalho de Domènec, com o Flamengo, o melhor elenco do Brasil, é pífio” - coluna do jornalista Renato Maurício Prado (UOL); “Flamengo deve demitir Domènec? Edmundo avalia time e Gabigol” - pauta do programa Giro Fox dos canais (Disney); “Rizek avalia trabalho de Domènec Torrent: 'Flamengo caiu de patamar”- opinião do jornalista André Rizek replicada no jornal (“Lance!”). A partir da Análise do Discurso (AD) com ênfase nos Estudos Discursivos Foucaultianos, foi possível observar algumas regularidades discursivas presentes nas matérias analisadas dos veículos esportivos sobre o trabalho de Domènec Torrent no Flamengo no contexto da sua demissão em novembro de 2020.

A primeira regularidade encontrada foi a comparação como valor: técnicos em confronto. Nos enunciados dos jornalistas esportivos citados, o confronto entre Domènec Torrent e Jorge Jesus sempre estava em evidência. Os profissionais utilizavam essa articulação para avaliar o trabalho do comandante espanhol no clube carioca. Isso nos mostra que, ao invés de fazer um estudo mais aprofundado sobre como era o desempenho da equipe do técnico catalão, os profissionais da mídia esportiva se baseavam na comparação para apontar os pontos positivos e/ou negativos do Flamengo de Dome.

Importante destacar também que o nome de Jorge Jesus causava um impacto. O técnico se transformou em um dos grandes nomes da história do clube por vencer os títulos do Campeonato Brasileiro e da Libertadores em 2019. O português criou uma relação de identidade com torcedores e jornalistas e também de resgate ao “verdadeiro” futebol brasileiro. Com Jorge Jesus, o Flamengo era uma “máquina”. Portanto, na ótica dos jornalistas esportivos, Domènec não soube conduzir e fazer o mesmo papel do treinador luso. Sendo assim, a comparação entre os técnicos foi uma das pautas mais evidentes em toda observação dos enunciados.

A análise com base nos números e estatísticas é mais uma regularidade presente. Os dados assumem uma postura de verdade absoluta e acabam fundamentando os argumentos dos jornalistas. Não é preciso ver e rever os jogos, olhar com detalhe o que acontece no campo. Os números “nos dizem tudo”. Além disso, não há interpretação das estatísticas. Ignora-se o contexto, as relações interpessoais e a metodologia de trabalho de cada treinador. O futebol vai

muito além do físico e das habilidades técnicas. O futebol são ideias e, se as ideias não são observadas pelos profissionais que trabalham com a modalidade, a análise permanece rasa.

O currículo/carreira de Domènec também esteve presente na análise dos enunciados. Pelo fato de ser reconhecido como auxiliar de Pep Guardiola e por não ter comandado muitos clubes em toda sua carreira como profissional, os jornalistas questionaram a sua capacidade como treinador, o seu currículo, a sua ideologia de jogo e as suas experiências como profissional de futebol. Por conta disso, podemos observar algumas colocações simples sobre o jogo de posição (filosofia de Domènec Torrent), o questionamento sobre o sistema defensivo e o “engessamento” dos principais atletas do elenco.

No corpus analisado, também se observou a presença da posição-sujeito jornalista: autoridade do/no dizer. Foi possível observar como os jornalistas esportivos assumem essa posição de autoridade/poder ao analisar, exigir e impor algumas condições sobre o trabalho do técnico catalão. Isso significa que essa relação de poder pode impactar torcedores, outros jornalistas e até mesmo dirigentes do clube.

Os veículos de comunicação são responsáveis por reconhecer uma equipe de forma positiva, negativa, apontar o que dá certo, errado, dar credibilidade ao trabalho e observar como determinado técnico tem trabalhado. Mesmo sem analisar com profundidade, a posição-sujeito jornalista “garante” isso. Tanto que, como mostrado no capítulo de análise, os jornalistas questionam se o Flamengo deve ou não dar chance para Domènec Torrent. Ou seja, treinadores de futebol são reconhecidos e valorizados socialmente por esses profissionais.

Por último, foi identificado os apagamentos do/no dizer. Ao observar os discursos dos jornalistas esportivos, podemos notar como os profissionais desconsideram fatores positivos da passagem de Domènec Torrent para reforçar os próprios argumentos que, de certa forma, culminaram na demissão do comandante catalão em novembro do ano passado.

O projeto de Dome no clube rubro-negro não teve somente derrotas ou baixas. A equipe teve bons momentos sobre o seu comando. Porém, foi possível observar como os jornalistas realizaram alguns silenciamentos/apagamentos como, por exemplo, a boa sequência do time entre setembro e outubro de 2020.

Os números desse período poderiam ser tratados como um fator positivo – 12 jogos de invencibilidade e 77% de aproveitamento – e, conseqüentemente, também se encaixariam na regularidade sobre o universo logicamente estabilizado: o futebol em números e dados. No entanto, os dados não são mencionados. O apagamento é proposital. Como falar de algo positivo sendo que o trabalho é “muito ruim”, “pífio” e “caiu de patamar”?

Além desse fator, os diversos casos de COVID-19, inclusive da própria comissão técnica e do treinador, impactaram a sequência do trabalho. Entretanto, não há nenhuma menção sobre o ocorrido. Podemos observar que o foco dos discursos dos jornalistas foi apontar somente o que deu errado no Flamengo de Domènec Torrent.

A partir do levantamento dessas regularidades, foi possível compreender como se dá a construção discursiva nas/das análises dos treinadores do futebol brasileiro. Todas as regularidades têm a sua especificidade e nos ajudam a observar esse processo enunciativo da mídia esportiva. Entretanto, mesmo analisando as regularidades de maneira “individual”, foi possível observar como todas elas se entrecruzam. Estão sempre em diálogo.

Importante destacar também que o nosso futebol é um dos que mais trocam de técnicos e, não obstante, a mídia esportiva tem desempenhado um dado exercício de poder nesse processo. Mendonça (2020) já dizia no título da sua coluna na Folha de S.Paulo: “Nós, da imprensa esportiva, contribuímos para a trituração de técnicos”.

Além disso, é notória a falta de profundidade nas avaliações dos jornalistas ao falar sobre futebol. Discursos simplistas, rasos e que não propõem a debater com profundidade o que acontece dentro das quatro linhas. E como os profissionais assumem uma posição-sujeito de autoridade/poder, não raro, o público toma esse discurso como uma verdade absoluta.

Neste sentido, o projeto se torna ainda mais importante para o debate do jornalismo esportivo. Refletir sobre o próprio campo da profissão pode alargar as discussões sobre as funções jornalísticas de futuros profissionais da área, neste caso específico, sobre as implicações do seu trabalho na sociedade, nos times de futebol, nas vidas de jogadores e treinadores. Portanto, a pesquisa pode incentivar novos estudos sobre o tema, seja no campo da comunicação/jornalismo, mas também no âmbito da educação física.

## REFERÊNCIAS

- BARBEIRO, Heródoto. LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual de Jornalismo para Rádio, TV e Novas Mídias**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.
- BETTI, M. **A janela de vidro: esporte, televisão e educação física**. Campinas: Papirus, 1998.
- BRAGA, Adriana. LIMA, Thainá. “Sob o olho Dele”: técnicas do poder disciplinar na série: *The handmaid’s tale*. **Revista Heterotópica**, v. 2; n. 2, p. 314-331, ago-dez. 2020.
- BRAGA DA SILVA, R. et al. Futebol e a construção da imagem de treinadores pela mídia: um estudo a partir das notícias de um site de grande visitação na web. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, p. 649-655, mar-dez. 2012.
- CARDOSO, Marcelo. Jornalismo especializado em esportes: uma discussão sobre a formação contínua do profissional. **Revista ALTERJOR**. v.1, n.17, p. 39-54, jan-jun. 2018.
- COBOS, Paulo. Não dá mais para procurar desculpas: o trabalho de Dome é (muito) ruim no Flamengo. **ESPN**, 2020. Disponível em: <<http://www.espn.com.br/blogs/paulocobos/775862-nao-da-mais-para-procurar-desculpas-o-trabalho-de-dome-e-muito-ruim-no-flamengo>>. Acesso em: 25, ago, 2021.
- COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2003.
- COSTA, Leda Maria. Futebol folhetinizado. A imprensa esportiva e os recursos narrativos usados na construção da notícia. **Comunicação e Esporte**. v.17, n.2, p. 65-77, 2010.
- FISHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de Pesquisa**, n. 114, p. 197-223, nov. 2001.
- FISHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e o desejável conhecimento do sujeito. **Educação e Realidade**, p. 39-59, jan-jun. 1999.
- Flamengo deve demitir Domènec?. **FoxSports**, 2020. Disponível em: <<https://drive.google.com/drive/u/0/folders/1AAAdDph4lwUT5fx4cV9BXA3jIHCwIvOJb>>. Acesso em: 25, ago, 2021.
- FOUCAULT, Michel. **A microfísica do poder**. Graal, 1979.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Cidade: Editora, 1970.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **O sujeito e o poder**. In: Hubert L. Dreyfus e Paul Rabinow, 2009.
- GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. A análise do discurso: conceitos e aplicações. **Alfa**, São Paulo, p. 13-21, 1995.
- GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. **Revista de Comunicação** v. 4, n. 11, p.11-25, nov. 2007.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. Língua(gens), mídia(s) e poder sob a ótica discursiva foucaultiana. **Revista Heterotópica**, v. 2, n. 1, p. 72-82, jan-jul. 2020.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. O enunciado e o arquivo: Foucault (entre) vistas. **M. Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade**. São Carlos: Claraluz, 2004, p. 23-44.

GOMES, Cristina Frazão. **O discurso: Estrutura ou acontecimento**. Web - Revista SOCIODIALETO. v. 9, n. 25, p. 613-619. jul 2018

GUERRA, Márcio de Oliveira. Entrevista: Prof. Dr. Márcio de Oliveira Guerra [set. 2015]. Entrevistador: Carlos Augusto Tavares Junior. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2015.

GURGEL, Anderson. Desafio do jornalismo na era dos megaeventos esportivos. **Motrivivência**, nº 32/33, p. 193-210, jun-dez./2009.

KONDER, Cristina. Um olhar feminino no Jornal dos Sports. In: MESSINA, Ágata. **Jornalismo esportivo: os craques da emoção**. Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social da Prefeitura do Rio de Janeiro, 2004.

KOWALSKI, Marizabel. “**Por quê Flamengo?**”. 2002. 392 f. Tese de Doutorado. Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro, 2002.

LANCE. Prometeu e cumpriu? Especialistas avaliam passagem de Jorge Jesus no Flamengo. **Lance!**, 2020. Disponível em: <<https://www.lance.com.br/flamengo/prometeu-cumpriu-especialistas-falam-sobre-trabalho-jorge-jesus.html>>. Acesso em: 01, set, 2021.

MACHADO, Roberto. **Por uma genealogia do poder**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2005.

MACHADO JÚNIOR, Sérgio da Silva. SILVA, Giuslane Francisca da. A construção do sujeito em Michel Foucault. **ENTRELETRAS**, Araguaína/TO, v. 7, n. 1, jan/jun. 2016.

MALULY, Luciano Victor Barros. Pequeno manual da reportagem esportiva. In: MESSINA, Ágata. **Jornalismo esportivo: os craques da emoção**. Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social da Prefeitura do Rio de Janeiro, 2004.

MENDONÇA, Renata. Nós, da imprensa esportiva, contribuimos para a trituração de técnicos. **Folha de S. Paulo**, 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/renata-mendonca/2020/08/nos-da-imprensa-esportiva-contribuimos-para-trituracao-de-tecnicos.shtml>>. Acesso em: 17, jun, 2021.

MESSINA, Ágata. **Jornalismo esportivo: os craques da emoção**. Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social da Prefeitura do Rio de Janeiro, 2004.

MIRANDA, Leonardo. Entenda o Jogo de Posição, filosofia de Domènec Torrent, novo técnico do Flamengo. **Ge.Globo**, 2020. Disponível em:<<https://ge.globo.com/blogs/painel-tatico/post/2020/08/01/entenda-o-jogo-de-posicao-filosofia-de-domenec-torrent-novo-tecnico-do-flamengo.ghtml>> . Acesso em: 24, ago, 2021.

MOTA, Cahê et al. Flamengo chega a 16 jogadores com Covid-19; Domènec Torrent também testa positivo. **Ge.Globo**, 2020. Disponível em: <<https://ge.globo.com/futebol/times/flamengo/noticia/thuler-testa-positivo-e-aumenta-lista-de-casos-confirmados-de-covid-19-no-flamengo.ghtml>>. Acesso em: 01, set, 2021.

NAVARRO, Pedro. Discurso, história e memória: contribuições de Michel Foucault no estudo da mídia. In: TASSO, Ismara. **Estudos do texto e do discurso: interfaces entre língua(gens), identidade / memória**. São Carlos: Claraluz, 2008. p. 59 – 74.

NAVARRO, Pedro. VOSS, Jefferson. Sobre o conceito de formação discursiva em Foucault e o tratamento de objetos da mídia. In: POSSENTI, Sírio. BENITES, Sônia. **Estudos do texto e do discurso: materialidades diversas**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2011. p. 53 – 81.

NAVARRO, Pedro. A descontinuidade da história: a emergência dos sujeitos no arquivo. In: SARGENTINI, V; NAVARRO-BARBOSA, P. (Org). **Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividades**. São Carlos: Claraluz, 2004, p. 97-130.

PÊCHEUX, M. **O discurso: Estrutura ou acontecimento**, Tradução: Eni Puccinelli Orlandi 7ª edição. Campinas: Pontes Editores, 2002.

PERARNAU, Martí. **Pep Guardiola: a evolução**. Editora: Grande Área, 2017.

POLI, Raffaele; RAVANEL, Lóic; BESSON, Roger. Demographic analysis of professional football club coaches. **CIES Football Observatory**, 2020. Disponível em: <<https://footballobservatory.com/IMG/sites/mr/mr56/en/>>. Acesso em: 17, jun, 2021.

PRADO, Renato Maurício. Trabalho de Domènec, com o Flamengo, o melhor elenco do Brasil, é pífio. **UOL Esporte**, 2020. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/colunas/renato-mauricio-prado/2020/11/09/trabalho-de-domenec-com-o-flamengo-o-melhor-elenco-do-brasil-e-pifio.htm>>. Acesso em: 25, ago, 2021.

REDAÇÃO GE. Maiores campeões do Carioca: Flamengo chega a 37 títulos e amplia vantagem no topo; veja ranking. **Ge.Globo**, 2021. Disponível em: <<https://ge.globo.com/rj/futebol/campeonato-carioca/noticia/maiores-campeoes-do-carioca-flamengo-chega-a-37-titulos-e-amplia-vantagem-no-topo-veja-ranking.ghtml>>. Acesso em: 01, set, 2021.

REDAÇÃO GOAL. Quais são os times com mais títulos de Brasileirão?. **Goal**, 2021. Disponível em: <<https://www.goal.com/br/not%C3%ADcias/quais-sao-os-times-com-mais-titulos-de-brasileirao/191efrba0malm1bqme9i3rsflj>>. Acesso em: 01, set, 2021.

REDAÇÃO GOAL. Quem é Domènec Torrent, novo treinador do Flamengo que trabalhou uma década como auxiliar de Guardiola?. **Goal**, 2020. Disponível em: <<https://www.goal.com/br/not%C3%ADcias/quem-e-domenec-torrent-novo-treinador-do-flamengo-que/nzyhsb3zx7u114xx9vrgqxr7x>>. Acesso em: 01, set, 2021.

REDAÇÃO LANCE. Rizek avalia trabalho de Domènec Torrent: 'Flamengo caiu de patamar'. **Lance!**, 2020. Disponível em: <<https://www.lance.com.br/fora-de-campo/rizek-avalia-trabalho-domenec-torrent-flamengo-caiu-patamar.html>>. Acesso em: 25, ago, 2021.

ROCCO JUNIOR, Ary José. BELMONTE, Wágner. Da informação ao entretenimento: análise do jornalismo esportivo brasileiro pela trajetória histórica da Revista Placar. **Intercom** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Vila Velha, p. 1-15, mai. 2014.

RONDINELLI, Paula. "Flamengo"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/educacao-fisica/flamengo.htm>. Acesso em 24, ago, 2021.

SARGENTINI, Vanice. Há em Foucault um gesto inaugural nos estudos do discurso? **Revista Heterotópica**, vol. 1, n. 1, p. 35-47, jan-jul. 2019.

SARGENTINI, Vanice. M. O. A descontinuidade da história: a emergência dos sujeitos no arquivo. In: SARGENTINI, V; NAVARRO-BARBOSA, P. (Org). **Foucault e os domínios da linguagem**: discurso, poder, subjetividades. São Carlos: Claraluz, 2004, p 77-96.

SARGENTINI, Vanice. Ver e ler imagens: a produção midiática dos acontecimentos. In: FERNANDES, Cleudemar *et al.* **Análise do Discurso & Semiologia**. Uberlândia: EDUFU, 2015, p. 149-162.

SCHMIDT, André. Veja os números de Domenèc Torrent em sua passagem pelo Flamengo. "Lance!", 2020. Disponível em: <<https://www.lance.com.br/numeros-da-bola/veja-numeros-domenec-torrent-sua-passagem-pelo-flamengo.html>>. Acesso em: 24, ago, 2021.

SILVEIRA, Ederson Luís. Pensar com Foucault: história, sujeito e discurso. **Cadernos Discursivos**, Catalão-GO, v. 1 n. 1, p. 38 - 50, 2014.

SITE FLAMENGO. Disponível em <<https://www.flamengo.com.br/historia-inicio>>. Acesso em: 01, set, 2021.

SofaScore, 2020. Disponível em: <<https://www.sofascore.com/pt/time/futebol/flamengo/5981>>. Acesso em: 17, jun, 2021.

SOUSA, Kátia Menezes de. SILVA, Mirela. As relações de poder nos discursos divulgados pela mídia para a realização do referendo 2005. **Signótica**, v. 19, n. 2, p. 299-317, jul-dez. 2007.

SOUSA, Kátia Menezes de. Inovar em AD com Foucault: tecnologia dos enunciados no funcionamento dos dispositivos de poder. IN: SOUSA, Kátia Menezes de; PAIXÃO, Humberto Pires de. (Org). **Dispositivos de poder/saber em Michel Foucault**: biopolítica, corpo e subjetividade. São Paulo: Intermeios; Goiânia: UFG, 2015. p.155-171.

TAVARES JUNIOR, Carlos Augusto. Jornalismo Esportivo: o que é?. **Revista Pauta Geral Estudos em Jornalismo**, Ponta Grossa, v. 4, n. 2, p. 38-59, jul-dez. 2017.

UNZELTE, C. **Futebol em revista no Brasil: dos primeiros títulos à resistente placar**. 2015. 229 f. Tese (Mestrado em Comunicação) - Faculdade Cásper Líbero. São Paulo, 2015.

## ANEXOS

**Paulo Cobos – ESPN. Título: Não dá mais para procurar desculpas: o trabalho de Dome é (muito) ruim no Flamengo.**

COBOS, Paulo. Não dá mais para procurar desculpas: o trabalho de Dome é (muito) ruim no Flamengo. **ESPN**, 2020. Disponível em: <[http://www.espn.com.br/blogs/paulocobos/775862\\_nao-da-mais-para-procurar-desculpas-o-trabalho-de-dome-e-muito-ruim-no-flamengo](http://www.espn.com.br/blogs/paulocobos/775862_nao-da-mais-para-procurar-desculpas-o-trabalho-de-dome-e-muito-ruim-no-flamengo)>. Acesso em: 25, ago, 2021.

**Renato Maurício Prado – UOL Esporte. Título: Trabalho de Domènec, com o Flamengo, o melhor elenco do Brasil, é pífió.**

PRADO, Renato Maurício. Trabalho de Domènec, com o Flamengo, o melhor elenco do Brasil, é pífió. **UOL Esporte**, 2020. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/colunas/renato-mauricio-prado/2020/11/09/trabalho-de-domenec-com-o-flamengo-o-melhor-elenco-do-brasil-e-pifio.htm>>. Acesso em: 25, ago, 2021.

**Jornal Lance!. Título: Rizek avalia trabalho de Domènec Torrent: 'Flamengo caiu de patamar'.**

REDAÇÃO LANCE. Rizek avalia trabalho de Domènec Torrent: 'Flamengo caiu de patamar'. **Lance!**, 2020. Disponível em: <<https://www.lance.com.br/fora-de-campo/rizek-avalia-trabalho-domenec-torrent-flamengo-caiu-patamar.html>>. Acesso em: 25, ago, 2021.

**Programa Giro Fox – “Flamengo deve demitir Domènec”?**

“Flamengo deve demitir Domènec?”. **FoxSports**, 2020. Disponível em: <<https://drive.google.com/drive/u/0/folders/1AAdDph4lwUT5fx4cV9BXA3jIHCwIvOJb>>. Acesso em: 25, ago, 2021.